

# Stadium

A harmonia do futebol!  
Sério defende, Espírito  
Santo ataca e Figueiredo  
aguarda...



Foto NUNES DE ALMEIDA

**2\$50**

REVISTA DESPORTIVA

N.º 254

15 DE OUTUBRO DE 1947



## EM 3 ENCONTROS

## 3 SURPRESAS!

O ataque do Sporting, a defesa do Belenenses e o entusiasmo do Oriental, como características da 6.ª jornada

Crónica de TAVARES DA SILVA

A segunda Volta da Prova de Lisboa começou bem. Sempre que se baralham as forças e classificações e aumenta a dúvida do desfecho, é sinal de luta movimentada e o mesmo é que dizer de vida!

Ora, na 6.ª jornada, à excepção do Sporting-Atlético, os clubes que eram considerados vítimas transformaram-se em *liranos*. Assistimos, deste modo, à queda do Benfica no seu próprio ambiente (a lei da vantagem dos jogos em casa tem sofrido neste começo de temporada sérios revezes!); e à primeira derrota do Benfica temos a juntar a primeira vitória do Oriental, surpreendente de energia e fogueira.

Também o resultado que se verificou no Estádio Alvalade cabe pelo seu exagêro no mundo das surpresas.

Significa isto alguma coisa? O conjunto dos resultados da 6.ª jornada parecem indicar a não existência de vencedores certos. Em boa verdade, não há uma tão grande diferença entre os seis concorrentes que os mais fracos não possam vencer em dia de sorte ou de vocação de jogo.

Porque as equipas mais fortes chegam a desorientar-se quando, tendo posto na sua ideia que iam encontrar um adversário predisposto à morte, lhes sai ao passo um inimigo muito diferente de aquilo que se calculava. Ao primeiro golo do adversário, a equipa considerada mais forte ainda recebe o golpe com o sorriso nos lábios. Mas se vem outro atrás, o caso muda de figura.

Os acontecimentos de domingo passado dizem-nos que, na Prova de Lisboa, não há vencedores nem vencidos antes de soar o último apito, e que os *teams* não se devem iludir com os resultados antigos, dada a sua irregularidade, tão depressa em baixo como em cima, e também porque as más exhibições aumentam o desejo de fazer depois boa figura. Um qualquer tinha de cair em Marvila, e o Estoril foi a vítima preferida.

O nível técnico da jornada apresenta-se aceitável! Sobressai a linha de ataque do Sporting, rápida e dominadora; a defesa do Belenenses, ligada e sólida; e o tom geral de energia e impetuosidade do Oriental. Mas os vencidos, especialmente o Benfica e o

Estoril, construíram bons desenhos, jogando dentro dos canones até à boca das balizas e aí falhando e desnortando-se. Na cerca das redes parece que qualquer coisa, misteriosa e invisível, prende os pés dos jogadores e quebra-lhes a decisão.

Estrearam-se vários elementos nesta jornada. O Belenenses apresentou dois desconhecidos, Francisco Rocha e Narciso; e o Sporting outros tantos, Soeiro e Moreira. Qualquer deles teve estreita auspiciosa, e tal deve encorajar os responsáveis na organização das linhas a prosseguirem na mesma orientação de lançar valores, e não de tapar o caminho aos que tem qualidades. Parece impossível, mas é verdade, como se vai pôr no lugar de médio de ataque, mesmo em recurso, elementos já usados e gastos através de muitas competições. Mas o que parece impossível dá-se no mundo de competências do futebol português!

A jornada, como dizemos, tornou mais confusa a situação. A

tabela é como uma roda de alca-truzes, uns sobem e outros descem, cada um condenado a não ter uma posição definitiva. O Belenenses que saiu do 5.º posto, onde, aliás, não era justo que permanecesse, atirou com o Benfica para uma situação menos brilhante e de tal beneficiou o Sporting, transformado num instante em guião da Prova. O Estoril havendo recebido um golpe mortal em Marvila também desceu, sofrendo além de isso um rude abalo moral. A primeira vitória do Oriental, o legítimo prémio de quem trabalha com o mais vivo entusiasmo, deixou o clube ainda no último posto, mas agora a sua situação é melhor — abre-se-lhe mais vasto horizonte!

A 6.ª jornada fornecem os seguintes resultados:

Benfica 1, Belenenses 2; Sporting 7, Atlético 2; Oriental 3, Estoril 1.

O quadro da classificação geral traça-se do seguinte modo: Sporting 14 pontos, 3 vitórias, 2 empates, e 1 derrota, 29 bolas a fa-

vor contra 12; Benfica 14, 3 vit., 2 emp. e 1 der., 2-9; Atlético 12, 2 vit., 2 emp., e 2 der., 11-15; Belenenses 12, 3 vit. e 3 emp. 7-11; Estoril 11, 2 vit. 1 emp. e 3 der., 21-23; Oriental 9 pontos, 1 vitória, 1 empate e 4 derrotas, 8 bolas contra 26.

O Belenenses faz cair os mais fortes...

Por melhores que sejam os grupos no seu conjunto e mais aptas as suas unidades individualmente consideradas, o jogo de futebol tem sempre uma margem de sorte ou de azar que se compraz em fazer sentir os seus efeitos. Ai do grupo que não tem pelo seu lado a chamada sorte do jogo! Nade lhe valerá, nem a habilidade dos seus jogadores nem a aplicação de uma tática consumada.

As vezes essa partida, viva e palpitante, sofradora para uns e outros até o fim, que o Campo Grande nos deu e que foi disputada pelos dois grupos, Benfica e Belenenses, com a energia, o desprendimento físico e o traço de sacrifício que sempre constituíram características do jogo português. Isto prova que as «táticas» não destroem essas qualidades.

O Belenenses venceu porque, tendo obtido dois golos no seu melhor período e sendo batido uma vez, conseguiu passar toda a segunda parte e atingir o apito do cessar de hostilidades isento de mácula, por duas razões: a defesa bateu-se com valentia e não perdeu a homogeneidade; e falta de fortuna do adversário em várias circunstâncias consideradas de morte.

O domínio territorial dá a impressão geral do encontro. Fixemos as três fases do primeiro tempo: 1.ª de equilíbrio e jogo ainda pouco assente; 2.ª de vantagem belenense; 3.ª de reacção benfiquense, em período mais curto do que aquele em que o seu adversário marcou as duas bolas. Mas na segunda parte, o aspecto é sempre repetido e o mesmo: vantagem acentuada do Benfica e insistente à medida que o tempo se arrastava, ao ponto do ataque belenense desaparecer para surgir em plena luz uma defesa em toda a linha.

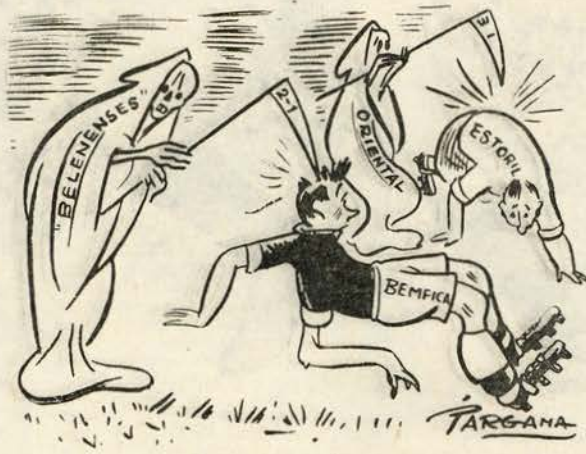
O Belenenses brilhou em todo o aspecto defensivo. Porque teve nas balizas um homem que se elevou às culminâncias do jogo (não se pode ser mais seguro em bolas altas!), e porque Feliciano volta aos poucos à sua magnífica forma de atleta e jogador, tendo ao seu lado um Vasco disciplinado de movimentos e por isso mesmo mais útil e eficiente do que de outras vezes.

Da linha média desapareceu Quaresma que passou ao ataque e regressou Amaro, um homem que dá harmonia ao seu grupo. A solução não será ainda esta, mas já se justifica.

O ataque nem sempre esteve em acção, mas quando esteve — desencadeou alguns golpes de perfuração que embarçaram visivelmente a defesa inimiga.

Já a defesa do Benfica deixou muito a desejar. Mário Reis esteve longe de ser um regular defensor central e Fernandes mostrou dificuldades em fazer o lugar. Na

## A «graça» da semana



Os «mortos» batem nos... «vivos»!!!



linha média, exceptuando o excelente Moreira que não parece sentir o tempo passar-lhe pelo corpo. António Maria passou despercebido em busca de um *silio* que quase nunca conseguiu encontrar, e Félix jogou atrasado e recessivo de um perigo — que não existia...

O ataque do Benfica fez jogadas de bom traçado e chegou facilmente à zona da verdade, mas aí não teve eficácia. Houve jogadas que só por milagre não resultaram gol! A asa esquerda mostrou-se nitidamente inferior à outra asa.

**Benfica** — Rogério, Mário Reis, Fernandes, António Maria, Moreira, Felix, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Melão e Baptista.  
**Belenenses** — Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, Nunes, Viegas, Rocha, Quaresma e Narciso.  
**Árbitro** — Abel Ferreira.

## As vitórias do Sporting e do Oriental

No Estádio Alvalade os grupos alinharam da seguinte forma:

**Sporting** — Azevedo, Manuel Marques, Juvenal, Socero, Moreira, Mateus, Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

**Atlético** — Ernesto, Baptista, Castro, Franco, José Lopes, Morais, Martinho, Armando Carneiro, Vital, Guedes e Caninhas.  
**Árbitro** — Joaquim de Jesus Leal.

A composição da linha média sportinguista causava apreensões. Afinal de contas, não só os rapazes estreates se comportaram bem, como, em dado momento, se tornou nítida esta verdade: o ataque leonino chegava, por si só, para vencer o desafio, estivesse quem estivesse atrás dele ou na sua frente.

Porque não pode dizer-se que o Atlético tenha sido uma equipa vencida. O *team* lutou com entusiasmo e fez as suas infiltrações ousadas. Do princípio ao fim, os atléticos nunca perderam o fio do ataque e deram luta porfiada. Simplesmente... encontraram na sua frente um *team* superior, e um ataque que, ao carregar a fundo, fazia golos com facilidade impressionante.

Os *leões* abriram o seu activo com uma bola de Vasques. Depois, perto do intervalo, conseguiram mais três bolas em cinco minutos. Contra isto não havia resistência...

Mas a defesa do Atlético, e o próprio guarda-redes que tão bem se vinha comportando, acusaram o poder dos contrários e desnotearam-se um pouco.

\* \* \*

No campo Engenheiro Salema formaram as seguintes linhas:

**Oriental** — Reis, Cruz, Morais, Carlos Costa, Isidoro, Vicente, Augusto, Eleutério, França, Abrantes e Réu.

**Estoril** — Sebastião, Pereira, Elói, O. Vieira, Cassiano, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

**Árbitro** — Manuel da Silva.  
O Oriental não mostrou um *team* superior ao seu adversário no que respeita, ou a técnica de

# DE LUTO

Realizou-se na passada segunda-feira o enterro do sr. José Vicente de Oliveira Júnior, antigo comerciante, que sucumbiu após melindrosa operação no Hospital da Cuf. O extinto contava 72 anos, era casado com a sr.<sup>a</sup> D. Elvira da Conceição Reis da Camara, e irmão do importante comerciante e industrial sr. Francisco Henriques de Oliveira, e das sr.<sup>as</sup> D. Beatriz de Oliveira Pombo, Maximiana de Oliveira Leão e Georgina Rosa de Oliveira.

Era uma pessoa simples e afável, que vivia rodeada de simpatias. No seu testamento — espelho da sua alma — dispôs mesmo que o enterro fosse o mais simples possível. Nos meios desportivos, também o sr. José Vicente era muito conhecido: sócio antigo e dedicadíssimo do Benfica, não faltava a um desafio do seu clube e tinha o verdadeiro culto clubista.

O enterro representou uma sentida manifestação, envolvendo pessoas de todas as classes sociais. A toda a família enlutada, e especialmente ao nosso querido amigo Xico de Oliveira, sobrinho do extinto, apresentamos sentidas condolências.

# BOXE

## Em Espanha

Luis Romero, duplo campeão de Espanha, dos «levisimos» e «semi-leves», combateu com o italiano Ferruccio Lollí, em Barcelona. Depois de findar os oito assaltos previstos, a decisão coube a Romero por folgada margem. O italiano mostrou-se corajoso em extremo, acabando muito contuso.

Na mesma sessão, Joaquim Alejos, o excelente jogador galego «semi-leve», perdeu a decisão, por pontos, ante outro transalpino, José Colosanti.

jogo ou a colocação no terreno. E, no entanto, revelou qualidades que no seu conjunto lhe deram uma vitória, a primeira deste torneio, inteiramente merecida.

Em óptima condição física, os orientais puzeram invulgar entusiasmo na luta e perseguiram o adversário em todos os recantos do rectângulo. Mas o mais curioso é que se devem a este futebol de destruição — correndo direito às balizas. O Estoril, como desnotado, queria ligar os seus esforços e não era capaz. Momentaneamente, as suas possibilidades haviam diminuído por forma sensível.

O Oriental acabou a primeira parte a ganhar por uma margem considerável. Na segunda, necessariamente, a fisionomia tinha de ser: de um lado, defesa cerrada, e do outro, ataque hábil e oportuno. Digam-se para terminar, que o Oriental fez tudo para vencer, e que o Estoril não fez tudo quanto podia para suplantar o adversário.

# Seleção Nacional

## O tributo dos treinadores

Continuamos a dedicar a nossa atenção um pouco mais tranquilamente como facilmente se compreende ao importante problema da Seleção Nacional, que não é deste ou daquele, dos seleccionadores ou dos seleccionados exclusivamente, mas de todos os portugueses que trabalham na Organização ou se interessam pelo jogo. Quando poderíamos dizer: — «de todos os portugueses...» Tão fortemente afecta a sensibilidade lusitana o comportamento da Equipa Nacional, dando por vezes a impressão de que o prestígio do país está todo concentrado nos onze pares de botas que pisam o terreno.

A margem, portanto, visto que uma vida cada vez mais sobrecarregada de trabalhos e outros factores já enunciados, não permitem que accedêssemos aos pedidos, reiterados e em termos aliciantes, para ficarmos dentro da Comissão de Seleção (palavras suficientes para incluir a preparação nos seus variados aspectos), vamos seguindo atentamente o que se vem fazendo não só para comunicarmos de verdade com os nossos leitores mas pelo direito natural de crítica. Ainda pelo manifesto desejo de contribuir para que a «preparação» da equipa e a «selecção» de valores atinja, se não a perfeição, quase sempre impossível, o nível mais alto e o estado mais perfeito que a Organização permite.

A preparação em decurso da Equipa Nacional tem como base a contribuição dos treinadores, no íntimo contacto dos três seleccionadores com aqueles. Deixamos de lado o esquema de exercícios apresentado pelo dr. V. P. o guião da Seleção, visto que o referido esquema sofreu na prática as maiores alterações, conforme o jogador que estiver em causa. Trata-se apenas de um ponto de partida.

Sempre consideramos que os treinadores, pela sua própria posição no jogo, podiam colaborar eficaz e valiosamente no Onze Português. Eles são os elementos responsáveis mais em contacto com os jogadores, conhecendo (regra geral) por dentro e por fora, não só o que o jogador faz como aquilo que é capaz de fazer: o seu carácter, o seu temperamento, o feitiço dos seus golpes, mesmo as suas anomalias futebolísticas. Por isso, em nosso Plano, fizemos disso «estreita colaboração» uma pedra de apoio, e ainda que praticamente os resultados não tenham sido os que prevíamos (talvez por não sabermos orientar ou não termos tempo para troca de impressões mais amiadada com os treinadores dos principais clubes e ainda de aqueles clubes onde há matéria seleccionável), algum proveito tivemos. Especialmente para fazermos um juízo seguro, e o menos possível sujeito a erros, de forma física, técnica e moral de determinados jogadores em dado momento. A crítica requereu algumas vezes a «inclusão» de jogadores, ou atacados de lesão, ou que mal podiam com a bola...

Neste respeito, os Treinadores foram admiráveis. A pergunta: — V. entende que Fulano está em condições de fazer este lugar no «Team» Nacional? — eles diziam inteiramente a verdade que sempre encobriram (segredo profissional), sabido como é a massa clubista, a qual certamente não perdoaria ao treinador, na sua cega paixão, a informação que diminuía um dos da sua cor. Simples medida de segurança de trabalho!

Os treinadores podiam exercer uma benéfica acção no aperfeiçoamento individual do jogador e nas próprias tentativas de adaptação a lugares ou funções diferentes daquelas que ele ocupa normalmente, julgávamos então e continuamos a julgar. Embora procurássemos fugir à reiterada «mudança do lugar», por bem sabermos como são difíceis de adaptação.

O princípio vingou, apesar da oposição que lhe foi feita e que parece agora ter desaparecido. Afirma-se também no programa agora posto em vigor e já em execução prática. Os jogadores foram submetidos até o fim do corrente mês a sessões individuais de treino, duas vezes por semana, decorridas no campo do clube e sob as vistas do treinador do clube. Essas sessões decorrem com normalidade, segundo parece, com uma ou outra falta impossível de evitar. Os seleccionados recebem 80\$00 por sessão, e os treinadores uma gratificação de 1.500\$00 por este seu trabalho no mês que decorre. Virão depois as sessões de conjunto precedidas de um treino de apuramento de valores no próximo dia 22. Já com os jogadores entregues a só homem.

Objectar-se-á que a preparação individual compete aos clubes. Ainda não ser fácil em «jogadores feitos» corrigir defeitos ou anomalias.

Mas semelhantes cuidados de preparação só devem fazer bem aos jogadores. O treinador do clube é um, e apenas na maioria dos casos, e não pode dedicar-se como decerto desejaria ao treino correctivo — por não fazer sentido largar todos para atender a um ou a dois. Portanto, é de aplaudir em tese a preparação que se vem fazendo. Mas não se deve esquecer em caso algum que a Seleção Nacional deve ter a harmonia de um «team» de clube. Servirá esta «ideia fundamental» a implantação do regime dos Três Treinadores numa só temporada, e isto por haver apenas três desafios internacionais?

T. S.



# BESSA e CONSTITUIÇÃO

## Dois campos históricos...



A fachada do Campo da Constituição, que dá para a ampla e elegante rua do mesmo nome. Existem por aqui duas entradas, que ainda podem aproveitar-se melhor. Do lado de dentro — os balneários; e antes do princípio do peão sul, um campo de tennis que serviria para um campo de basquetebol. Com uma bancada em volta, mesmo que o F. C. P. construísse o Estádio — seria maravilhoso. E uma piscina? Tão central!...

Bessa e Constituição podem ter-se na conta de campos históricos. Logo por sinal, são propriedade de dois clubes que representam o Porto na Divisão Maior — Boavista e F. C. Porto. Também históricos.

Porem, tanto um como outro, destes campos, precisam de ser esquecidos. No Bessa ainda se tem estado menos mal, chegando para as necessidades do Boavista. O peão é vulgar, como a bancada, que tem a mesma disposição de anos passados, e o piso é... igual a tantos outros. De bom — excelentes balneários. De muitos mau: — as entradas. Da Avenida da Boavista para o campo de jogos existe um estreito caminho, e tanto à entrada como à saída, se a aglomeração é grande, vê-se o público em séria dificuldade e apertos...

O Boavista, afinal, tem também o seu problema. O campo do Bessa já não corresponde, como não correspondem muito mais. O Bessa faz parte do grupo de campos históricos, porque, igual a ele, dentro do Porto, existe apenas o da Constituição. O Lima, como o leitor sabe, por certo, é o mais moderno ou mais completo. É relvado e amplo. O Salgueiros, que há anos abandonou o Covêlo, onde estava excelentemente, conseguiu arranjar «casa» em Augusto Lessa, e há quem esteja muito pior. Chega para o Salgueiros.

Por último, temos o F. C. Porto e o seu velhíssimo Campo da Constituição, talvez motivo especial desta reportagem. O campo da Constituição vai mudar de roupa — vestir-se de novo. Por isso é histórico tudo quanto possui de momento: a sua bancada que já perdeu a cobertura, a sua fila de camarotes (?) em crise... O F. C. Porto, enquanto não resolve o seu caso, a decantada construção do Estádio, agora firme no terreno das Antas, pensa fazer obras e servir-se do Campo da Constituição.

Gastará, por isso, cerca de

300 contos. O terreno destinado ao jogo tomará outro espaço. Para os socos, especialmente para eles, vai ser construída uma ampla bancada, com dois pisos, deve elevar-se de um dos lados, por certo ao poente. Aos topos, elevar-se-á o peão com escadaria.

No lado norte, onde existem uns prédios particulares, cede um amigo do clube terreno para uma saída. Com as duas que já existem, para a Rua da Constituição, não ficará o público mal servido.

A dar-se tudo isto, obandonou o F. C. Porto, definitivamente, a ideia de utilizar qualquer terreno estranho, embora agradecendo a sincera e amigável colaboração que pretendia prestar-lhe o Sporting Clube de Coimbra. Para o Lima está provado que não deseja ir o F. C. Porto. E lá tem as suas razões.

Independentemente da solução encontrada, deve o F. C. Porto vender à Câmara Municipal o seu terreno da Vilarinha, que já não utilizará. A Câmara, que tem ajudado o F. C. P. da melhor maneira, deve comprar o terreno por 1.500 contos, e este facto contribuirá extraordinariamente para o popular clube do Norte resolver problemas delicados — problemas que se ligam à utilização do terreno das Antas.

Os dois campos históricos do Porto, repetimos, ainda servem. Um, o do Bessa, vai cumprir da melhor maneira possível, mais um ano, embora precise também de benefícios; o outro, o da Constituição, prepara-se para receber o grande público, para vibrar como nos seus bons tempos!

Veremos o que sairá daqui. Trabalha-se no Porto, confiadamente, e talvez esta época se demonstre que nem todos os esforços se perdem...

Rodrigues Teles



Um aspecto da bancada. Em tempos idos, quando coberta, já foi boa; e dali assistiram os seus admiradores a grandes vitórias. Agora, em ruínas, aguarda melhoramentos...



Chama-se a isto uma fila de camarotes. Claro: — como hipótese. Mas estas tábuas estão condenadas. Estariam mesmo que o F. C. P. não fizesse obras...



O cenário mudou da Constituição para o Bessa. Onde as coisas estão apenas um pouco melhor. Eis um aspecto da bancada do Boavista. Também é «histórica» mas lá vai cumprindo com o seu dever



Excelentes balneários possui o Boavista. Tudo com asseio. Nem tudo velho e gasto...





**A** vida hípica e a vida mundana beneficiaram em Deauville, dum mês de Agosto inenarrável.

A Normandia tem as suas verdades, as suas riquezas naturais, as suas belezas próprias muito apreciadas por aqueles que a conhecem. Mas o hóspede de passagem tem o direito de lamentar, ao recordar a Côte d'Azur, a falta de verdadeiro calor e de esplendor contínuo. A chuva em Deauville tinha o hábito, mesmo em Agosto, de nos fazer algamas visinhas. Este ano, nada disso. Em quatro semanas, apenas uns pequenos orvalhos que serviram para regar as plantas. O resto do tempo convervou-se bom, e o famoso «bar» da praia, o «Bar» do S.J., nunca mereceu tanto o seu nome. Temos pois o direito de dizer, em louvor do turismo francês, que Deauville ofereceu, este ano, aos seus inúmeros visitantes uma estadia deliciosa. Tanto mais continuando o bem-estar em Setembro.

Estas condições benéficas não deixaram de ter a sua feliz repercussão no brilho do «meeting» de corridas, a tal ponto

Um exclusivo de «Stadium»

O DESPORTO HIPICO EM FRANÇA

# As grandes provas

do "Meeting" de Deauville

Artigo inédito de Jean TRARIEUX

que vimos nele participar alguns cavalos ingleses de muito boa classe, coisa que desde há muito se não verificava. Foi mesmo a um destes, o poldro «Delirium», que coabe a mais importante prova para os «2 anos», o Prémio Morny, disputado em 1 200 metros, e que é, entre o Prémio Robert Papin em Julho e o Grande Critérium em Outubro, uma das três oportunidades capitais para estabelecer a classificação dos novos valores. Batendo com uma certa facilidade «Damnos», o representante da

temível coudelaria Boassac, «Delirium» alcançou para a sua coudelaria, em detrimento do francês, uma bela vitória, e restituiu-nos a esperança de que a nova geração de França tenha em reserva animais superior a «Damnos», sem o que os cavalos franceses arriscariam não poder manter, no futuro, a situação preponderante que adquiriram desde há quase dois anos.

Além deste cativante Prémio Morny, é interessante consagrar alguns comentários às outras grandes provas do programa, que se chamavam o Prémio Yacowlef, o Prémio Kergorley, o Grande Handicap de Deauville e o Grande Prémio.

O Prémio Yacowlef, tornado clássico, é uma corrida de inéditos de 2 anos. Exerce sempre um vivo interesse sobre todo o público, e mais especialmente sobre o do «tarif», que nunca se sacia com a novidade. Parece que a expectativa não desiludia, porque, o vencedor, «Djeddah», (ainda um Boassac!) causou grande impressão pela facilidade do seu êxito. Bons conhecedores não hesitaram em o proclamar imediatamente melhor do que o seu companheiro de cavalariça «Damnos» e, por conseguinte, colocá-lo logo à cabeça da sua geração. Nós que somos, por princípio e por experiência, contrários a opiniões prematuras, não vamos assim tão depressa e preferimos voltar a ver «Djeddah» correr para melhor o apreciar. Tudo o que se pode dizer presentemente, é que é um magnífico poldro dotado de força notável e de membros possantes. Terá fando como tem velocidade?

O Prémio Kergorley, para os poldros de 3 anos e mais, foi simultaneamente honrado com a presença do «crack» de 4 anos «Souverain», vencedor, o ano

passado, em Inglaterra, das King Georges VI Stakes e este ano, da Taça de Ouro de Ascot, e decapitado por esta mesma presença. Raros são os competidores bastante desinteressados para procurarem apenas a glória e arriscar esforços inateis contra um cavalo imbatível. Apenas se apresentaram pois, como acompanhadores do «crack» a égua de 4 anos «Platiname» e o «3 anos» «Sunny-Bry». Embora comportando 3.000 metros, a prova foi coberta «na ralenti», sem convicção ardente da parte dos oponentes que apenas procuraram a sua impossível salvação numa quimérica esperança: a de, numa corrida redazida a um «sprint» final, bater em velocidade «Souverain» treinado desde há muito em distâncias exigindo resistência. Mas, quando se chama «Souverain», não há nada a recear de «Sunny-Bry» nem de «Platiname», e, uma vez dado o esticão, foi ainda o detentor da Taça de Ouro que se mostrou mais rápido.

Grande Handicap divertido, espectacular, com 22 concorrentes carregando em esquadra sobre os 1.600 metros da recta, e terminando por uma chegada tão compacta que apenas o júri pôde distinguir os quatro primeiros, afastados por curtas cabeças. Foi o «3 anos» «Oléiri» que foi declarado premiado por esta loteria onde a ciência desempenha, evidentemente, o seu papel, mas donde não se pode excluir totalmente o factor sorte.

Enfim, a 24 foi a vez do Grande Prémio de Deauville, corrido no último dia do «meeting» e dotado dum prémio de 1 milhão. A vedeta era o «4 anos» «Elseneur» que, na ausência de «3 anos» de verdadeira classe, tinha apenas a recear o «5 anos» «Le Pailion» e a égua «Platiname», sobre os quais ele tinha mais 2 kgs. Com um pouco de sorte, o favorito teria ganho, mas «Elseneur», por excelente que seja, ignora o que é a sorte e, estorvado à entrada da recta por «Platiname», que o levou contra a vedação, não pôde dar tudo o que podia e teve que se contentar com o segundo lugar, à frente de «Platiname», mas atrás de «Le Pailion». «Elseneur» correu esta época sete vezes. Só uma vez foi o primeiro, e seis vezes o segundo. É o tipo do cavalo infeliz, e sabe-se que, de resto, ninguém venceria plenamente na vida se o valor não se fizer acompanhar dum pouco de sorte... — J. T.

## INICIATIVAS DA «STADIUM»

### O "match" Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

#### b) os undécimos classificados

##### Tema Portugal

J. RUIZ LUQUE — (Jaén)

##### Tema Espanha

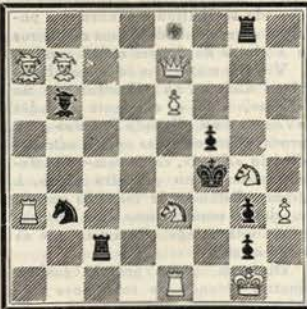
FERNANDO REBORIO — (Madrid)



Mate em 2 lances

Classificação: Seilberger: 3 pontos (10.<sup>o</sup>); Kipping; 2 (11.<sup>o</sup>) = 5 pontos.

O veredicto do juiz C. S. Kipping: (Tema P, R. Luque. Sol. 1.Cf4) A chave tem aspecto de originalidade, concedendo fuga diagonal, porém exige o recurso duma Torre branca ociosa; (Tema E, F. Reborio. Sol. 1.Df6) Considero que existem precedentes, quicá superiores, deste problema.



Mate em 2 lances

Classificação: Kipping e Seilberger: 3 pontos (10.<sup>o</sup>) = 6 pontos.



# Actividade na Província

## Superioridade do PAÇO DE ARCOS

**M**odalidade triunfante — o quei patins caminha com segurança pela estrada da glória. Pode assegurar-se que a actividade é permanente — quase não havendo folgas! Uma prova em disputa, e, na consequência, logo outra em preparação... Não se pára? Ainda bem. O que é preciso é continuidade. Isso garante interesse de competição. Ganham-se cada vez mais simpatisantes. E regista-se animação.

Ainda há pouco tempo acabaram os campeonatos regionais e já se pensa no nacional. Ao terceiro Norte-Sul outro se segue — para breve. Quer dizer: o quei em patins faz francos progressos. Dir-se à que a conquista do campeonato do Mundo desperdiçou energias adormecidas... A responsabilidade é tremenda — e não se deve descansar.

Bem hajam os que de tal modo procedem.

### Paço de Arcos — um clube que trabalha e progride

Na conclusão do campeonato de Lisboa, o Paço de Arcos, clube moderno mas progressivo, firmou novos créditos: repetiu a proeza do ano passado, ganhando com mérito, os títulos nas três categorias. E azenas consentiu duas derrotas em 36 desafios: uma em 1.<sup>ª</sup> e outra em 2.<sup>ª</sup>. Isto é realmente bonito e digno de menção. Honra, portanto, a quem a tem. Marcaram-se, nos três torneios, 998 golos! Quase um milhar... Pois só aos grupos do Paço de Arcos pertenceram 240 — o que é subremanente importante. E aos seus dois avançados (Correia dos Santos — com 55; Jesus Correia — com 41) coube a chefia na marcação! Quer dizer: Sempre a colectividade (ou seus representantes) na dianteira de tudo e de todos.

As classificações finais foram as seguintes:

1.<sup>ª</sup> categoria — Paço de Arcos, 39 pontos (em 14 jogos; com 12

vitórias, um empate e um derrot.) e 110 25; Oquei de Sintra, 36 pontos e 72-21; Sporting de O iras, 30 pontos e 33-37; Futebol Benfica, 28 pontos e 59-52; Académica da Amadora, 27 pontos e 54-65; Cascais, 24 pontos e 35-64; Benfica, 21 pontos e 27-63; Campo de Ourique, 19 pontos e 16-79.

2.<sup>ª</sup> categoria — Paço de Arcos, 39 pontos (12 v., 1 e., 1 d.) e 93-20; F. Benfica, 38 p. e 90-27; Académica, 30 p. e 64-66; Benfica, 28 p. e 58-41; Sintra, 26 p. e 43-50; Oeiras, 25 p. e 46-54; Cascais, 21 p. e 27-71; C. Ourique 17 p. e 20-112.

3.<sup>ª</sup> categoria — Paço de Arcos, 23 pontos (em 8 jogos; com 7 vitórias e um empate) e 47-21; Benfica, 16 p. e 18-18; Académica, 15 p. e 37-37; Oeiras, 14 p. e 32-31; F. Benfica, 12 p. e 18-45.

### Outros nomes...

Lisgás e Ateneu foram os «astros» secundários — não esquecendo o Sporting de Oeiras, o

Oquei de Sintra, o Académico da Amadora e o Futebol Benfica (estes na divisão principal) — assim como o Académico, o Infante de Sagres e a Académica de Espinho (no torneio do norte) se evidenciaram também: cada um deles cumprindo a sua missão a contento.

Na 2.<sup>ª</sup> divisão de Lisboa:

1.<sup>ª</sup> categoria — Lisgás, 24 pontos (8 vitórias) e 44-14; Ateneu, 19 pontos e 42-20; Naval Setubalense, 16 pontos e 24-28; Oquei C. P., 13 pontos e 18-42; Parede, 8 pontos e 13-37.

2.<sup>ª</sup> categoria — Ateneu, 17 pontos (5 vitórias e uma derrot.) e 35-8; Lisgás, 15 p. e 35-8; Parede 9 p. e 15-34; Oquei C. P., 7 p. e 8-48.

São, por conseguinte, campeões regionais: Do Sul — 1.<sup>ª</sup> divisão: Paço de Arcos (nas três categorias); 2.<sup>ª</sup> divisão: Lisgás (1.<sup>ª</sup>) e Ateneu (2.<sup>ª</sup>). Do Norte — Infante de Sagres (1.<sup>ª</sup>) e Académico (2.<sup>ª</sup>).

Jorge Monteiro

## HIPISMO

# O GRANDE EXITO

## do Concurso das Caldas

Os tenentes Calado e Joviano Ramos em evidência

O concurso das Caldas da Rainha obteve um êxito tal que não é demasiado optimismo garantir desde já a sua realização futura.

Se compulsarmos os resultados oficiais do interessante certame chegaremos imediatamente à conclusão de que ele se limitou a confirmar a posição excepcional de alguns cavaleiros e a classe de determinados cavalos.

Vitórias magníficas do tenente Henrique Calado, na «Omnium» e na «Caça», com o excelente irlandês «Vouga» e no «Grande Prémio» e na prova «Estrangeiros» com o extraordinário «Zuari», colocaram-no indiscutivelmente no primeiro plano, a grande distância de todos os outros, revelando uma «forma» e uma preparação que atinge o máximo que se pode exigir.

Disputou cinco provas, ganhou quatro, obtendo no total nove prémios.

Excelente êxito do capitão José Beltrão, um dos antigos «ases» do Concurso das Caldas, na prova «Nacional», montando o habilidoso «Squalus» com o qual conseguiu o único percurso limpo.

O tenente Joviano Ramos, no «Douro», já magnificamente classificado em provas anteriores, ganhou a

«Taça de Honra», saltando à primeira tentativa da 10.<sup>ª</sup> barrage 2<sup>m</sup>, 15 e batendo o «record» português de altura. Henrique Calado com «Refused» acompanhou-o mas só transpôs aquela altura à 3.<sup>ª</sup> tentativa.

Rhodes Sérgio com «Namuli» triunfou na 1.<sup>ª</sup> série da «Omnium»; Monteiro de Figueiredo com «Neosine» ganhou a prova «S. H. P.»; Fernando Pais na «Benguela» venceu a «Despedida», registando-se ainda as vitórias de D. Maria José Villela e de Henrique Mendia nas provas «Amazonas» e «Discipulos».

Dos não ganhadores mas bastante premiados destacaram-se: Craveiro Lopes com «Ambriz»; Fernando Cavaleiro com «Gasa», Correia Barrento com «Alcoa», José Carvalho com «Tete», Helder Martins com «Optus» e Rodrigo da Silveira com «Belver». «Raso», logrou apenas um 4.<sup>º</sup> lugar e «Ebro» não foi além de um 6.<sup>º</sup>, classificações que não corresponderam à sua categoria.

Dos novos voltou a falar-se de «Copaleen Rua» e de «Xevora» de os tenentes Pimenta de Castro e Craveiro, meteram diversas vezes em prémio.

Assim terminou, entre entusiásticos aplausos o último Concurso desta temporada, um dos mais brilhantes da época.

Stadium

**D**epois de oito anos de interrupção, reatou-se esta época o Concurso Hípico Oficial das Caldas da Rainha, certame de renome que durante mais de trinta anos se impôs como dos melhores que se disputaram no país.

Em boa hora se pensou na sua reorganização, à qual o público respondeu afluindo em número que excedeu todas as expectativas, e o êxito foi tal que, num dos dias de provas, o comércio fechou as suas portas para que toda a gente pudesse deslocar-se ao hipódromo do campo da Mata.

Isto fala claro quanto ao interesse do povo caldense, que voltou a afirmar o seu entusiasmo pelo hipismo já, de resto, tradicional.

Se é certo que depois de oito anos de interregno compareceram na pista cavaleiros que já a conheciam e lá haviam obtido refulgentes êxitos, tais como Helder Martins, José Beltrão, Marquês do Funchal, Correia Barrento, José Carvalho e alguns outros, não é menos verdade que a grande maioria dos actuais concurrentes lá foi pela primeira vez. Se houve interesse em ver os antigos, houve também verdadeira expectativa na actuação dos mais modernos, principalmente daqueles que criaram fama de verdadeiros «ases» e se impunham como tal nos outros concursos. Havia nas Caldas, — seria injustiça negá-lo, — um extraordinário interesse em ver Henrique Calado, cavaleiro excepcional que nos últimos anos tem atraído sobre si as atenções gerais, mercê da lista incomparável dos seus triunfos e das suas invulgares qualidades de concurrentista.

Ninguém se enganou. Henrique Calado obteve ali brilhantíssimas vitórias em dias seguidos, que o público premiou com prolongadas ovações, com frenéticos aplausos.

Ano V — II Série — N.º 256  
Lisboa, 15 de Outubro de 1947

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, -3.<sup>º</sup>  
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

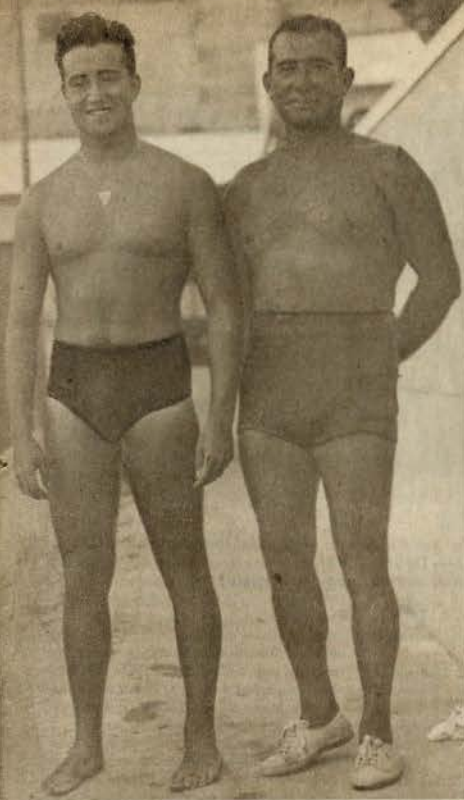
NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura



# Guilherme PATRONI

*Um valor da nataçãõ peninsular*



Guilherme Patroni, a esperança da nataçãõ portuguesa, ao lado de Hermanno Patroni, uma glória do passado e um técnico de categoria

Trovão, e tantos outros que passaram, mais ou menos episódicamente. E até mesmo nadadores que às provas de meio-fundo dedicaram o melhor da sua atenção, como Azinhais dos Santos e João Mira Gomes, brilharam, por vezes, em velocidade pura, averbando resultados que ficaram para a história e contribuindo, até, para a melhoria de alguns recordes quer individuais, quer colectivos.

A dinastia dos «sprinters» continua a impor a sua hegemonia na nataçãõ portuguesa. Hoje mais do que nunca. Ao progresso que se verifica nos nadadores de velocidade, contrapõe-se acentuado retrocesso entre os de meio-fundo.

Não admira, pois, que apresentemos hoje aos nossos leitores um especialista de 100 metros: Guilherme José Patroni Duarte.

E nesta série de reportagens de assuntos ligados à nataçãõ, fica bem, depois de Mário Simas, o campeão que não cede; Guilherme Patroni — o campeão que surge.

Mas antes de proseguirmos, uma afirmação que é interessante deixar bem expressa: o jovem Guilherme é o produto exclusivo da muita dedicação e competência do seu irmão Hermanno — antigo campeão de nataçãõ pura, saltos e water-polo — actual treinador do Sport Algés e Dafundo e, acima de tudo, um profissional honesto, obsequioso da sua missãõ e das suas responsabilidades.

O ano de 1944 foi, digamos, o da revelaçãõ de Guilherme Patroni, entãõ, na categoria de «iniciados». E nesta categoria deixou bem marcada a sua passagem, pois que foi recordista dos 100-metros-livres, com o «tempo» de 1<sup>m</sup>. 10,2<sup>s</sup>.

Em 1945, correndo como «principliante», Guilherme Patroni surge-nos, já, como um grande campeão. O seu progresso em relaçaõ à temporada anterior foi extraordinário. O recorde dos 100 metros-livres, baixa-o para 1<sup>m</sup>. 04,1<sup>s</sup>. (21-10-46). Conhece, entãõ, pela primeira vez a internacionalizaçãõ, pois é chamado a participar no II Portugal-Espanha, disputado em Barcelona, na piscina de Montjuich, nos dias 24 e 25 de Agosto, onde, por causas várias, não pôde dar o máximo de rendimento. Actuou abaixo das suas reais possibilidades, cobrindo os 100 metros-livres em 1<sup>m</sup>. 07,6<sup>s</sup>.

Mas no quadro geral dos melhores resultados técnicos dessa temporada, figura já como sub-campeão, merecê da marca da 1<sup>m</sup>. 04,1<sup>s</sup>, acima indicada, ou seja, como o nosso nadador mais rápido, depois do grande Mário Simas.

Na temporada de 1946, os progressos de Guilherme Patroni continuam a acentuar-se. O recorde dos 100 metros-livres, «principliante» sofre nova baixa, desta feita para 1<sup>m</sup>. 03,1<sup>s</sup>, marca obtida na piscina do Luso, no dia 8 de Setembro.

A sua classe afirma-se definitivamente. E é, de novo, chamado a representar Portugal no IV encontro com a naçaõ vizinha, onde teve, dentro das suas possibilidades, comportamento meritório. Nos 100 metros-livres, não foi além do quarto posto, mas obteve «tempo» de muito valor: 1<sup>m</sup>. 03,2<sup>s</sup>; e na estafeta olímpica de 4 x 200 metros-livres contribuiu, de forma decisiva, para a queda do respectivo recorde nacional, nessa altura melhorado de 10<sup>m</sup>. 13,6<sup>s</sup>, para 9<sup>m</sup>. 53,5<sup>s</sup>. Trouxe, pois, uma boa recordaçãõ de Tenerife...

A época presentemente em curso pode considerar-se para Guilherme Patroni uma temporada triunfal. Nos campeonatos regionais (categoria de juniores) conquistou seis dos sete títulos em disputa, com um conjunto de resultados que merece registo: 100 metros-livres — 1<sup>m</sup>. 3,7<sup>s</sup>; 200 — 2<sup>m</sup>. 35,5<sup>s</sup>; 400 — 5<sup>m</sup>. 46,5<sup>s</sup>; 1.500m — 25<sup>m</sup>. 32,8<sup>s</sup>; 100 metros-costas — 1<sup>m</sup>. 26<sup>s</sup>.

O resultado dos 100 metros-livres ficou a constituir recorde nacional

HÁ três lustros a esta parte que os nadadores portugueses vêm manifestando acentuada tendência para as provas de velocidade pura, em detrimento das de meio-fundo e fundo, consequência, em grande parte, do aparecimento de piscinas, da sua maior utilização, e do abandono, por vezes total, a que se votaram as provas de maior metragem.

Assim, muitos têm sido os «sprinters», de valor que têm passado nos últimos anos. A lista seria, mesmo, regularmente longa: Armando Moitinho de Almeida, que há quinze anos conseguiu a proeza, excepcional para a época, de percorrer os 100 metros-livres em 1<sup>m</sup>. 8<sup>s</sup>. 4/5; Joaquim Maier, Manuel Cardoso, Luis Rosa, Hermanno Patrone, Francisco de Vasconcelos, Vasco Carreiras, Manuel Moniz Pereira, Herculano

na categoria. Patroni fez, ainda, parte do elenco que triunfou na estafeta, de 4 x 200 metros-livres.

Na prova de mar Caxias-Paço de Arcos, foi o vencedor absoluto à frente de vinte e nove concorrentes, entre os quais os melhores especialistas do momento. A sua actuaçãõ nesta prova merece registo, tanto mais que foi a primeira no género que disputou, em toda a sua carreira de nadador.

E nos recentes campeonatos nacionais, disputados na piscina Solar-Atlântico teve Guilherme Patroni comportamento perfeitamente à altura dos seus créditos, obtendo dois excelentes segundos lugares nas provas da sua especialidade — 100 e 200 metros-livres.

Guilherme Patroni é um nadador na plena posse das suas excepcionais faculdades, que exhibe, em todas as corridas em que participa, «estilo» fino e agradável. Nada sem esforço e com à-vontade surpreendente. Possui fortíssimo «battement», capaz de lhe proporcionar andamento duro numa prova de velocidade. E brilha, normalmente, na ponta final, simplesmente magnífica.

Alongámo-nos, propositadamente, nestes dados biográficos do excelente nadador do Algés e da selecção nacional. Serão, talvez, um tanto monótonos. Mas têm uma virtude: «falamos», na sua eloquente simplicidade.

O 5.º encontro internacional de nataçãõ ainda não esqueceu, e é dedicar uma página a Guilherme Patroni, campeão e continuador de uma família de campeões. E arquivar, também, algumas opiniões suas.

Para mais, Guilherme Patroni foi uma das grandes figuras desse encontro, com um magnífico e honroso segundo lugar na prova clássica de velocidade pura.

— Agradou-lhe o resultado obtido? — Inquirimos.

Patroni — «enfant-gâté» do team lusitano — esboça um leve sorriso e diz-nos:

— Em absoluto. Bem vê, de momento, não podia aspirar a mais. Bati-me com o melhor do meu entusiasmo. Lutei quanto pude. E que estas provas são diferentes. Vibra-se de outra forma, quando se sente o peso da representaçãõ nacional. Realizei, assim, uma aspiraçãõ que já datava de há três épocas: bater, juntamente com o Mário Simas, os melhores «sprinters» de Espanha.

— Mas o Guilherme já tinha triunfado no festival com o Canõ de Madrid...

— É certo. Mas o sabor é diferente. E creia que o meu segundo lugar no Portugal-Espanha me foi muito mais grato do que uma vitória que fosse obtida num encontro particular. E que se tratava de um Portugal-Espanha...

— Quais os nadadores espanhóis que mais o impressionaram?

— Todos bons nadadores. E, de facto, um conjunto bastante homogêneo. Citerel, no entanto, sem qualquer espírito de rigorosa apreciaçãõ, Manolo Martínez, Ferry, Calamita, Perez e Senrs.

— E os portugueses?

— Mário Simas, num plano à parte. Foi o fulcro da nossa equipa. Noutro aspecto, apreciei bastante o esforço e a evidente boa vontade dos madeirenses José da Silva e Vasco de Abreu. São dois elementos a cultivar, que criteriosamente preparados podem atingir posiçãõ de muitíssimo relevo na nataçãõ lusitana.

— Gostaria de ter ido aos campeonatos de Monte Carlo?

— Decerto! Achei muito bem que fosse Mário Simas. Mas a deslocaçãõ em número mais elevado de nadadores portugueses a Mônaco constituiria um dos melhores serviços que os dirigentes da nataçãõ podiam prestar à modalidade. Tornava-se necessário, porém, que a preparaçãõ dos seleccionados se tivesse rodeado de especialistas cuidados, por forma a que eles se apresentassem no melhor da sua condiçãõ.

A rematar: Teria sido uma grande iniciativa, por certo, com extraordinárias repercussões futuras...

ABREU TORRES



Guilherme Patroni deixa a piscina, depois do treino, bem disposto para a vida profissional...

Fotos F. SÁ



Guilherme Patroni é um nadador de boa técnica, de grande energia e brio como poucos... A água é o seu meio natural!



# O Clube Operário

conta ter um campo de jogos  
no VALE ESCURO

e afirma-se um valor no desporto!

**O** Clube Operário de Futebol — antigo Operário Football Clube — mantém as características que animam e dão vida a estes clubes da 2.ª Divisão da A. F. L. — redutos magníficos a quem se deve uma campanha persistente a bem do desporto, sua prática e benefícios sociais que do mesmo desporto provem. Eles acompanham admiravelmente a vida desportiva do país e especialmente a de Lisboa.

Persistentes, fazendo vingar a sua ideia à custa de esforços sem conta, admirando-nos pelo impossível que conseguem, os clubes da 2.ª Divisão são de facto credores da simpatia geral e as suas boas intenções merecem — não há dúvida — que se pense um pouco neles, compreendendo-lhes os propósitos, ouvindo-lhe os seus projectos.

Visitamos por isso a sede do Operário, ao cimo da calçada do Monte, um primeiro andar debruçado sobre Lisboa.

Costa Almeida, um nome conhecido no desporto, e presidindo mais uma vez aos destinos do clube, recebe-nos com alegria.

— Temos sempre muito prazer em os receber, para desabafar, para expor ideias que nos animam e ainda nos dão alguma fé para prosseguirmos nesta campanha, que é sinceramente a bem do desporto. Já agora queríamos levar por diante este projecto que data de há 27 anos...

E pausadamente:  
— Mas é muito difícil. Cada vez mais difícil...

Depois, Costa Almeida com vivacidade diz-nos:

— No entanto continuamos empenhados no nosso desejo de sempre: tornar o Operário um clube desportivo de Lisboa, valorizando-o quanto nos seja possível para lhe darmos a importância que merece a vasta área da cidade onde o nosso clube pode oferecer os seus préstimos. Que o Operário é o clube de maior projecção no bairro da Graça.

«Sofremos no entanto um grande reves: — a perda da nosso campo de S. Vicente. Durante três anos não dispusemos de campo e pode-se avaliar o esforço e a dedicação que foi preciso para superar essa falta. Claro que as nossas equipas sofreram tecnicamente com esse contratempo, não só as de futebol, mas a de basquetebol também; mesmo assim, não faltamos a nenhuma prova e o nome do nosso clube impôs-se.

«Contámos depois com a cedência por aluguer do antigo campo do Chelas, mas o sacrifício ainda mais uma vez nos foi imposto. Os arranjos que nesse campo tivemos de fazer custaram-nos 25 contos. E nós não os tínhamos, porque o Operário nunca recebeu qualquer auxílio.

«Mas as obras fizeram-se.

«Resta-nos agora a esperança de que se confirme a construção do campo de jogos no Vale Escuro onde vão começar as obras de urbanização.

Esse campo pertencerá então ao Operário segundo o prometimento do Senhor presidente da Câmara Municipal. Entraremos com imensa alegria na posse desse campo e então o Operário poderá demonstrar a sua actividade numa grande e importante área de Lisboa — a Graça. Alto de S. João, Penha de França, Bairro das Colónias e Caminhos de Ferro. Tanto mais que acompanhando as nossas ideias de carácter desportivo, não esqueçamos o nosso programa de aspecto social.

— Que modalidades desportivas estão praticando?

— O futebol, basquetebol e ténis de mesa. A orientação técnica do basquetebol melhorou, pois obtivemos, num espaço de terreno que arranjamos nas trazeiras da nossa sede, um local para treino das nossas equipas.

«Estas três modalidades são orientadas e dirigidas por três comissões técnicas. No futebol — Rogério Anaia, o treinador, Domingos Cambó e Silvestre Antunes. No basquetebol — pelo treinador Armando Oliveira e Armando Almeida e Domingos



1.º plano: da esquerda para a direita — Gonçalves, Henrique, Censil, Anibal e Mote. De pé — Délio, Serafim, Amorim, Antero, Rogério, Galileu e Henrique (maçagista)

Valente. No ténis de mesa, António Felix e Octávio Gentil.

«Todos os nossos atletas têm aulas de ginástica duas vezes por semana. É um pormenor que nunca temos esquecidos porque compreendemos que ele tem sido a base de resistência dos nossos jogadores.

«Como actividade desportiva agendada-nos informá-lo de que o Operário apresentará este ano duas equipas de juniores e a secção de voleibol.

— Muitos sócios?

— Dois mil. Mas a nossa posição financeira é má como sucede em todos os clubes desta Divisão. Notamos cada vez mais a vida difícil que

está envolvendo os nossos clubes. Os impostos que incidem sobre os nossos jogos são impossíveis de comportar. E não é pessimismo se lhe disser que a continuar-se assim é difícil continuar na luta.

«Uma receita de 4 contos, por exemplo, dá-nos quando muito um lucro de 600 escudos. Mas é preciso que seja um jogo com bastante público.

«Agora veja, no que diz respeito ao Operário: A renda da sede, 1.000\$00; do campo, 600\$00. Pagamentos aos empregados do campo e da sede, ao nosso médico, transportes para jogadores e equipas e tudo o mais que é necessário num clube já com bastante movimento como o nosso...

«O esforço e a dedicação dos dirigentes são absorvidos ingloriamente.

«Em nossa opinião os impostos sobre bilhetes vendidos deviam terminar. Existiria sim um imposto mais suave, que nos permitisse dar melhor vida ao nosso clube.

E Costa Almeida acompanhando-nos depois na visita às dependências da sede declara-nos:

— Gostaríamos imenso que o Senhor Director Geral dos Desportos visitasse as nossas sedes, assistindo mesmo às nossas reuniões para poder apreciar e sentir o que é a vida destes clubes modestos.

Observamos então a sede do Operário. Primeiro a «sala de visitas» como lhe chamam e que é o posto médico, onde o Dr. Quaresma de Matos vigia atentamente todos os atletas do clube e dá consultas aos sócios.

— Temos vaidade nesta casa, diz-nos Costa Almeida.

De facto o pequeno posto médico está irreprensível de assio e montado com o necessário para desempenhar a sua missão.

— O que isto nos custou e nos custa! — diz-nos o presidente do Operário num desabafo. — Mas havemos de mantê-lo e melhorá-lo.

Visitamos depois a secretaria com um bem montado ficheiro, sala da direcção, salas para os sócios, bufetes, arrumação das equipas e o terraço — parte do qual foi aproveitado para campo de treino de basquetebol, quase com as dimensões necessárias.

É um clube simpático este Operário, amimos na sua actividade desportiva e social, esperando de que o ajudem, no populoso bairro da Graça...

Fernando Sá

## Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de Africa

Sede — Rua do Comércio, 85 — LISBOA  
Sucursal — R. do Infante D. Henriques, 73 — PORTO

Serviço rápido de carga e passageiros para a Africa Ocidental e Africa Oriental, Brasil e América do Norte

### FROTA DA C. N. N.

«Sofala» . . . . .	12.500	Ton.
«S. Tomé» n/m . . . . .	9.100	»
«Meçamedes» n/m . . . . .	9.100	»
«Rovuma» n/m . . . . .	9.100	»
«Niassa» . . . . .	9.000	»
«Nova Lisboa» . . . . .	8.800	»
«Cubango» . . . . .	8.300	»
«Quanza» . . . . .	8.300	»
«Lourenço Marques» . . . . .	6.400	»
«Cabo Verde» . . . . .	6.200	»
«Congo» . . . . .	5.000	»
«Nacala» . . . . .	2.390	»
«Togus» . . . . .	1.600	»
«Chinde» . . . . .	1.393	»
«Luabo» . . . . .	1.385	»
«Inharrime» . . . . .	1.000	»
«Save» . . . . .	763	»

Agências em todos os portos africanos e principais portos do Mundo



— Solicitar das entidades oficiais a revisão dos impostos até à possibilidade da sua supressão; e

— Pedir à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, como concessionária de todos os transportes ferroviários do país, a redução de tarifas para os Grupos Desportivos;

e as resoluções tomadas numa reunião dos clubes concorrentes ao Campeonato Nacional da Primeira Divisão, por iniciativa do Visconde de Guimarães logo perflhada pela Federação Portuguesa de Futebol, cujo representante, o sr. dr. António José de Melo, orientou os trabalhos. Só não estiveram presentes os delegados do Boavista, Sporting de Braga e A. Académica.

Os pedidos que vão ser feitos aos srs. Presidente do Conselho, ministros das Finanças, Educação Nacional e Comunicações, e à Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses são inteiramente justos, e por isso não duvidamos da sua solução.

Está inofensivamente demonstrado que impostos pesados oneram o desporto, e que os clubes veem afectada a sua missão acentuadamente patriótica com as exigências do fisco.

Reduzi-los — é só ser justo e atento às realidades. Os clubes portugueses de desporto não são empresas, como a maior parte dos clubes profissionais de certos países, não pretendem somente o espectáculo, mas sim associações de indivíduos que se ligam para a prática dos jogos desportivos, das provas atléticas e da ginástica tendo em vista objectivos racionais e sociais. Os seus fins não são egoístas nem mercantis; não visam o lucro, mas pretendem antes objectivos nobres e elevados. Deste modo, merecem a protecção das Entidades Officiais, e de maneira tão evidente que até foi criado um Organismo para orientar e coordenar a sua actividade, em vista da importância e do sentido nacional dessa mesma actividade.

A redução das passagens nos caminhos de ferro (se bem que os grandes clubes pudessem resolver o caso de outra forma) também havia de contribuir para uma diminuição de despesas que, indirectamente, serviria a causa desportiva.

Medidas tão justas, quando promulgadas, serão recebidas com satisfação não só pelos clubes como pela imensa camada de desportistas. Mas estas medidas devem estender-se a todos os Grupos e a todas as competições, trate-se de outros desportos que não o futebol ou de simples manifestações de ginástica. Mais uma razão para aplaudir as resoluções da Primeira Divisão. As petições que vão ser entregues servem a causa em geral.

# No Mundo da Bola

Do JORNALISTA DESCONHECIDO

## O jogo requiere

### praticantes na idade própria

**A**LVES TEIXEIRA lança outra vez, no seu «Norte Desportivo», o grito que já vai sendo angustioso: «Deixem que a mocidade comece na altura própria a praticar desportos».

O jornalista português, com tenacidade que é uma das suas características, insiste num ponto fundamental para o futebol português — a que temos votado também a devida atenção. Trata-se de um tema que merece mais a atenção profunda de todos os orientadores e técnicos do que outros temas que algumas vezes são tratados só para que se veja que a pena do jornalista sabe fabricar «fogo de vista». Bem sabemos que tudo tem o seu lugar...

Mas consideramos fundamental para o nosso futebol a eliminação da idade legal do jogador ao presente. Todos os desportos devem praticar-se na altura própria, quando a absorção dos ensinamentos por parte do indivíduo é perfeita e bem fácil.

Até os dez anos tira-se o curso de instrução primária, e deixando-se passar esse limite — a dificuldade aumenta seriamente. Só com grande esforço conseguirá a pessoa vencer o obstáculo.

Assim sucede no futebol. Se o praticante não começar a brincar com a bola à roda dos doze anos — jamais poderá ser um jogador completo (os casos esporádicos não contam). Nessa idade, o rapaz tem um grande sentido para copiar, ouvir o que se lhe diz e aprender de boamente. Todos os grandes jogadores do passado passaram pela forja da bola de papel ou de trapos na idade que referimos ou ainda mais cedo. A que perfeição seria possível chegar-se hoje com uma quantidade já razoável de treinadores e melhores meios, em todos os aspectos, de acção e preparação?

Convenhamos em que não se deve fazer «competição» muito cedo. Esta obriga a um desgaste que só o homem, na plenitude dos seus recursos físicos, consente e pode sofrer. Por assim ser, ao tratar-se de competições para rapazes como agora sucede nos Juniores, e outrora acontecia nos Escolares e mesmo nos Infantis, tomaram-se determinadas medidas ao ponto de se exercer acção não só fiscalizadora como educadora na arbitragem, e de se reduzir também a duração da prova.

Devendo-se acautelar prudentemente a «competição», nada impede, contudo, que o futebol seja ensinado aos rapazes na idade própria e nos seus exercícios básicos, de domínio de bola (desdobrado em várias figuras), de execução do chute, dar passes e rematar, e de colocação no terreno.

Ainda há pouco tempo numa tentativa do capitão António Cardoso, inspector para o futebol, tentava-se pôr em movimento os pequenos jogadores de doze anos e ao mesmo tempo adestrá-los, dando-lhe as bases indispensáveis para um dia, mais tarde, se exporem com êxito na chamada competição. Mas esse Projecto recebido de braços abertos por toda a crítica, dado que partia de um princípio básico que vem sendo reclamado por todos — «De xem que os Jogadores se façam e se entreguem ao Jogo na altura própria!» — parece dormir o sono dos justos numa gaveta de papéis inúteis — que talvez já não se abra.

Em assunto de tão grande monta, julgamos que a Federação, as Associações e os clubes deviam intervir directamente, pedindo a quem de direito a satisfação de uma medida altíssima de valorização do Jogo. A Imprensa e a Rádio, todos os dirigentes, orientadores e técnicos, mesmo não em actividade secundariam por certo a iniciativa.

Alves Teixeira, que é um jornalista de qualidade — cujos erros nunca afastam a sinceridade e o desejo de servir sem egoísmos! — volta ao ataque com invulgar tenacidade. Ataque tanto mais difícil quanto é certo não se descobrir nem se encontrar pela frente a opposição da defesa...

Nesta base — a idade com que em Portugal se começa a praticar futebol — está o grão de areia que emperna todo o progresso, aperfeiçoamento e movimento.

Por acaso, este ano, dias antes do França-Portugal de Paris, assistimos ao treino da selecção portuguesa, e tivemos a oportunidade de ver, em meia dúzia de terrenos relvados que se segulam uns aos outros, no mesmo local em que treinavam os portugueses, grupos de jogadores infantis disputando animadas partidas.

Talvez isto seja a sólida fundação em que hoje assenta o futebol francês. Quem se lembra das equipas do passado e das embaixadas de futebol que a França envia hoje aos outros países sente que alguma coisa se passou de novo.

## CORRE QUE...

O Benfica está a tratar da aquisição de um auto-carro para a deslocação dos seus atletas. Um dos membros da Comissão da Secretaria indicou as características do carro que o clube precisa a um negociante de automóveis actualmente em Londres.

♦ A Associação Académica de Coimbra desloca-se a Espanha no próximo dia 26 para defrontar a equipa de Salamanca, União Desportiva, um bom team da Segunda Liga.

♦ O membro do Conselho Técnico, sr. João de Brito, aceitou por fim o convite que lhe fora feito pela Federação para fazer parte da Comissão de Seleção. Portanto, a Seleção já está completa.

♦ Haverá um treino da selecção portuguesa, para extracção de suplentes, no próximo dia 22, nas Salésias, contra o Atlético, estando convocados os seguintes jogadores: Felix (Benfica), Barrosa (Sporting), Elói, Alberto, Miguel Lourenço, Bravo, Vieira, Raul Silva e Moia (Estoril), Serafim e Figueiredo (Belenenses), Bentes (Académico), Barrigana, Araújo e Carbalho (Porto), Sousa e Patalino (Elvas), e Cabrita (Olhanense).

## Ares de Espanha

O primeiro treino da selecção nacional espanhola de futebol, a qual entrará em acção contra nós em fins de Março, efectua-se no próximo dia 19 no campo de Las Cortes, em Barcelona. Os espanhóis mostram-se previdentes. Como nunca!

♦ Tecem-se os mais rasgados elogios ao ataque do Atlético, destacando-se o trabalho do novo avançado-centro, o canário Silva. A estrela do argentino Valdivieco empalideceu um pouco.

♦ Le-se num jornal espanhol: «O director do clube sempre está satisfeito por pouco que os seus jogadores rendam. Mas — e o aficionado?»

A pergunta tem cabimento.



# a PRIMEIRA derrota do BENFICA...



Uma jogada do mais belo movimento e de grande efeito! Tudo balla... Espírito Santo serve-se de acrobacias, mas o caminho está completamente fechado e vigiado por Vasco, Feliciano e Sérgio...



Arsênio luta com Vasco, energicamente. De um lado e de outro, para o que der e vier, vêm-se Amaro e Sérgio...



Arcado um canto na fase da pressão benfiquense da 2.ª parte, Sérgio continua a defender com segurança apesar de atacado por dois benfiquenses, entre os quais Espírito Santo!

## NOTAS DO BENFICA BELENENSES

**S**OA o apito, desenvolvem-se vários lances e o primeiro avanço de Arsênio é de vertigem!

— Temos homem, diz-se.

Acaba o desafio, os benfiquenses perderam e saíram amargurados, mas de Arsênio diz-se que foi ainda o jogador que pôs sal e pimenta no ataque...

**O** jogador Vasco sofreu advertência logo na primeira vez que chocou Mário Rui.

Cá de fora, houve a impressão de que a entrada do forte jogador de Belem fôra legal — não obstante erguer-se uma nuvem de poeira!

**M**ARIO RUI, o extremo-direito, executou uma cabeça magistral de cima para baixo, quando se jogava há sete minutos.

Eis uma cabeça à maneira de Lawton, com a pequena diferença da bola não ter entrado!

**E**M certa altura do encontro, o público começou a chamar *Salóio! Salóio!* ao extremo-esquerdo belenense, o estrante Narciso.

Como os salóios na sua aparência ingénua são vivos e espertos, achamos a alcunha bem posta. Por aquilo que jogou é um salóio — muito sabido!

**O** marroquino José Viegas declarou-nos a semana passada que não era de seu gosto jogar a centro-avancado, visto ter alinhado sempre no posto de interior.

Muitas vezes os jogadores não têm razão. Mas somando as duas exhibições de Viegas verifica-se que, desta vez o jogador tinha razão!

**A** trajetória do golo solitário do Benfica foi simples, rectilínea, luminosa, de três precursos certos. Pontapé de livre, no gesto de passagem longa, de Moreira, captado e devolvido de cabeça por Victor Baptista, com nova captação de Espírito Santo que, ainda de cabeça marcou rectilíneamente a bola.

Evidentemente, isto leva tempo a contar. Na prática — foi um instante. E de tal modo que os adversários ficaram como que pregados ao terreno, sem a noção do que se estava a passar...

**O** Benfica, que perdía 0-2, marcou a sua bola na melhor oportunidade, ao faltar minuto e meio para se atingir o intervalo. Era a luz da esperança. Mas a esperança durou somente a vida curta de 45 minutos. O que não é nada, se nos lembrarmos que há esperanças que vivem dentro de nós durante toda a existência!

**N**EM tinha graça nenhuma que o mais importante desafio da jornada não nos desse um *golo-fantasma!* Foi aquele golo que aos 21 minutos da 2.ª parte, entrou no rectângulo satisfetíssimo da vida, e apesar de todos o terem visto saír do campo sem ninguém dar por isso no disfarce de triquique...

**O** Belenenses cometeu a seguinte imprudência: — deitar bolas fora apenas nos últimos dez minutos.

Esta imprudência podia ter sido fatal!

**N**O cair do desafio registou-se um período em que a sorte não quis, positivamente, que o Benfica marcasse.

À sorte, uma coisa caprichosa! E também o jogador Melão! E também outros jogadores...





**Dois trechos de ataques benfiquenses** — À esquerda, tem-se a impressão de que, tendo saído Sérgio, Espírito Santo vai desferir um golpe de cabeça mortal; à direita, os jogadores de um e de outro lado ainda batalham, mas a defesa já está feita!

# A PRIMEIRA VITÓRIA *do* ATLÉTICO



*O extremo Rui ainda não chegou a tempo! Sebastião defendeu...*

Fotos MANIQUE



*Um lance junto das balizas do Oriental. Carlos Costa, Cruz e Reis defendem-se com unhas e dentes!*



*O corpo-a-corpo produz em geral, jogadas confusas!*



*Reprodução da Capa da Revista brasileira «Esporte Ilustrado» de 21 de Agosto passado, que traz a seguinte legenda:*

Rogério, extrema esquerda do Botafogo. Atuou com destaque no Benfica, de Lisboa, e no selecionado luso. Ondino Viera espera lançá-lo no time do Botafogo, quando estiver perfeitamente aclimatado.

## ARCÁDIA

O Dancing n.º 1 da capital  
Grande êxito do novo programa apresentado pelas extraordinárias atrações

**IRIS et RIBEIRO**  
e  
**Ballet CIMARRO**

NO PROGRAMA:  
**HERNANDES APARÍCIO**

BREVEMENTE:  
*Estreia da Orquestra*  
**Chova y sus Muchachos**  
com o estilista  
**JORGE CARDOSO**

Abertura às 22 h.  
Encerramento às 3 1/2.  
Exibição de Variedades às  
24 1/2 e às 2 h.



# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## ATLETISMO

Marcel Hansenne  
em grande forma

Efectuou-se em Paris um certame atlético, em que tomaram parte vários atletas suecos de nomeada, belgas e luxemburgueses. O nosso conhecido Braekman triunfou nos 100 metros (10,8 s.) e 200 metros-barreiras (25 s.) e Reiff fez outro tanto nos 3.000 metros (8 m. 17,5 s.).

Os franceses Arifon e Wansenne venceram com grande brilho as provas de 400 metros-barreiras e os 1.500 metros. Arifon fez 52,3 s. enquanto que Hansenne batia o recorde de França de quilómetro e meio, no tempo excelente de 3 m. 47,9 s.

## NOTA DA SEMANA

O pugilista italo-americano Rocky Graziano, que conquistou brilhantemente o título mundial dos «médios» há poucas semanas, está a ser vítima de uma campanha de difamação como nunca se viu. Este pobre rapaz nascido num bairro miserável, companheiro de outros jovens sem lei nem educação moral, encontra-se sob a acusação de ter desertado das fileiras do Exército, o que lhe valeu a pena de um ano de trabalhos forçados. E, por esse facto, querem irradiá-lo da lista dos jogadores de boxe.

As comissões que regem este desporto nos diferentes Estados da União Americana estão conjugando os seus esforços nesse sentido e tudo parece indicar o seu bom êxito.

Pela primeira vez iremos assistir a um espectáculo chocante e demasiado cruel, que é o da intervenção de pessoas e organismos, cuja jurisdição é limitada, em assuntos julgados e resolvidos por tribunais e entidades competentes.

Graziano furtou-se a servir como soldado, e tudo leoa a crer que sim. Sofreu a pena correspondente, depois de ponderados os motivos da sua chocante conduta (não devemos esquecer que os pais de Rocky nasceram em Itália e o sangue de várias gerações do Lácio lhe corre nas veias...) e não se compreende como se foi desenterrar um processo julgado e arquivado.

Não percebe o leitor, é claro, se lhe não dissermos o motivo real. Graziano, convidado por um agente de apostas a deixar-se vencer, mediante gordo prémio, há alguns meses, sofre hoje os efeitos da sua digna conduta. Esse trust imenso que ficou em cheque, onde a alta finança tem pousado, trouxe a lume, por interpostas pessoas e pela imprensa, a arma que lhe vai assegurar a vingança triunfal já que outra coisa não conseguiu do infeliz jogador de boxe.

R. B.

## FUTEBOL

### Na Grã-Bretanha

A primeira surpresa da temporada internacional sucedeu no sábado da semana finda. Depois de muitas tentativas infrutíferas, que levaram 13 anos a produzir-se, a Irlanda conseguiu vencer a Escócia, em Belfast, por 2 bolas a zero.

Não se descreve o entusiasmo que o triunfo gerou nos corações de 52.000 espectadores. A rivalidade entre escoceses e irlandeses assemelha-se à que subsiste entre espanhóis e portugueses — para pior, por motivo do antagonismo religioso — podendo imaginar-se a alegria da vitória, lembrando o magnífico e jamais esquecido triunfo do Estádio Nacional, obtido pelos portugueses.

Os melhores foram Vernon, do West B. A., que é nosso conhecido; ocupou o lugar de médio-centro fazendo um jogo memorável; e Smyth, interior, escolhido à última hora para substituto de Douherty. Smyth conseguiu os dois tentos, um a dez minutos do intervalo, aproveitando das indecisões dos defesas escoceses na marcação dos adversários, e o outro, sete minutos depois de recomeçada a 2.ª parte.

O campeonato divisionário da Liga prossegue com grande afluência do público. O Arsenal continua invicto, embora tenha empatado no próprio campo, contra Portsmouth, devido à ausência de Macaulay e Mercer, os seus melhores elementos.

Mesmo assim, livesse Rooke transformado uma grande penalidade, não se registaria o zero a zero do marcador.

A competição continua acesa e viva. Tanto que o Arsenal só conta um ponto de vantagem sobre o Preston N. End, triunfante por 3-2 sobre Blackburn.

Blackpool vai em terceiro posto, com 15 pontos, depois do empate a um tento com Manchester City. Igual percalço surgiu ao Wolves em face do aguerrido Everton.

O maior público concentrou-se no campo de Stanford Bridge para assistir à magnífica vitória do Chelsea (4-2) sobre o Aston Villa, graças a dois golos do artilheiro Lawton — iludindo as manhas dos defesas na arte do fora do jogo — e a outros tantos de Bobby Campbell, o interior direito adquirido ao Falkirk por oito mil libras.

Na segunda divisão, o primeiro classificado continua a ser West Bromwich Albion, vencedor (3-2) do Leeds United. A um ponto

vai-lhe na cola o Birmingham, derrotando Fulham (3-1) seguido do Bradford e Cardiff City, ambos a dois pontos do guião. Bradford empatou com Luton, fora de casa, e Cardiff venceu o Nottigham Forrest (2-1) nas mesmas condições.

West Ham, graças ao ponta esquerda, Kenneth Tucker, recentemente ainda amador, que se está revelando, ocupa o quinto lugar.

Na 3.ª Divisão produziu-se uma inesperada surpresa: o Queen's P. Rangers deixou-se vencer pela primeira vez e na própria casa! Coube ao Swindon essa proeza (2-0) mas a vantagem do Q. P. R. é ainda de 6 pontos sobre o Bristol, segundo classificado.

Principiou também a disputa da F. A. Cup, conhecida universalmente — e erradamente — por Taça de Inglaterra. Por ora só clubes modestos se enfrentaram, e da Liga Istmica apenas 2 passaram à 2.ª volta: o Kingstonian, vencedor de Epsom por 10-1, e Wycombe W.

### Campeonato de Espanha

Os últimos resultados do campeonato de futebol no país vizinho foram os seguintes:

Espanhol 2-Sabadel, 3; Valencia 3-A. Madrid, 1; Bilbao 2-Sevilla 2; Oviedo 0-Gijon 0; Alcoyano 3-Real Sociedad 1; Tarragona 2-Celta 2; Real Madrid 1-Barcelona 1.

Como se verifica por esta lista, o Celta cedeu um ponto, por empatar com o Tarragona. O clube galego, porém, continua ainda à frente, com 7 pontos.

## BOXE

### Peter Kane, novo campeão europeu

O zarolho Peter Kane, que aos 20 anos foi campeão mundial dos «mínimos» e deixou o título nas mãos de Paterson, ao cabo de um minuto de batalha, voltou a ocupar os primeiros postos, vencendo o francês Teo Medina, por pontos, em 15 assaltos. Com esta vitória obteve igualmente o Campeonato da Europa dos «levíssimos».

## TÊNIS

### Os Campeonatos Americanos

Forest Hills está para os Estados Unidos conforme Wimbledon se encontra para a Europa, isto é, tanto um como outro constituem os verdadeiros polos do jogo do ténis internacional.

Celebrou-se agora o Campeonato americano, concorrendo algumas das melhores raquetas quer inglesas, australianas e mesmo do continente europeu. A vitória final coube ao «imperador do ténis», o famoso Jack Kramer, digno sucessor de Donald Budge, Tilden e Mc Longhlin.

As meias-finais do desafio singulares-homens, haviam chegado quatro magníficos tenistas: Frank Parquer (vencedor de Pancho Segura por 6-3, 11-9 e 6-4), o checo Jaroslav Drobny (ganhando ao californiano Tom Brown), o australiano John Bromwich e o favorito, Jack Kramer, vencedor de Wimbledon.

Parker conseguiu impôr-se a Bromwich, depois de cinco árduas partidas, triunfando por 6-3, 4-6, 6-3, 6-8 e 8-6.

Kramer, adocentado com furunculose, eliminou Drobny por 3-6, 6-3, 6-0 e 6-1.

Como o seu estado de saúde piorasse, sobrevivendo uma infecção nasal que necessitou de penicilina, aventou-se a hipótese de uma vitória de Parker, por abandono, caso único em Forest Hills. Tal não aconteceu, todavia, e Kramer desceu ao terreno para lutar em defesa do título adquirido em 1946. O jogo durou cinco partidas e as duas primeiras pertenceram a Parker por 4-6 e 2-6, cometendo Kramer inúmeras faltas. Em seguida, num belo arranque, voltou a mostrar a sua verdadeira classe e varreu, literalmente, o retângulo do jogo, adquirindo a vitória por 6-1, 6-0 e 6-3 nas últimas partidas.

Foi, segundo se diz, a última actividade de Kramer como amador. Ainda este ano ingressará no profissionalismo e o primeiro contrato garante-lhe a bonita soma de 40.000 dólares.



## SEGUNDA DIVISÃO DA A. F. L.

# Na vanguarda do campeonato

**mantem-se ainda o Operário que venceu o Casa Pia por 2-0**

### Vitória do Futebol Benfica sobre o Sacavenense e empate entre o Arroios e o Olivais

Eis os resultados da jornada: Arroios-Olivais, 0-0; Casa Pia-Operário, 0-2; Futebol Benfica-Sacavenense, 6-0.

Com estes resultados, a classificação fica assim distribuída:

1.º, Operário, 6 jogos, 4 vitórias, 2 empates, 14/7—16 pontos; 2.º, Futebol Benfica, 6 jogos, 4 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 11/8—15 pontos; 3.º, Casa Pia, 6 jogos, 3 vitórias, 1 empate, 2 derrotas, 8/7—13 pontos; 4.º, Arroios, 6 jogos, 1 vitória, 2 empates, 3 derrotas, 8/10—10 pontos; 5.º, Sacavenense, 2 vitórias, 4 derrotas, 6/14—9 pontos; 6.º, S. L. Olivais, 2 empates e 4 derrotas, 6/12—8 pontos.

A breve análise à classificação aponta-nos que o Operário venceu um obstáculo difícil, por haver ganho ao Casa Pia, no seu campo de empréstimo, na Amadora. A vitória, por 2-0, garante aos rapazes de S. Vicente, por agora, o 1.º lugar. A sua próxima saída, ao campo de Sacavenense, pode dificultar-lhe a carreira, mas como a «candela que vai à frente...» dá melhor luz, será natural a sua passagem sem perigo grave.

### O Casa Pia não foi feliz...

No jogo de domingo findo, nem sempre tiveram sorte os casapianos. Mas nessa luta de sorte teve algum mérito a defesa do vencedor, em tarde excelente, cedendo a Délio um panchado de intervenções seguras e arrojadas. As justas aspirações do Casa Pia sofreram pelo mesmo regular atraso com esta derrota. As coisas, porém, podem complicar-se ainda no próximo jogo...

Os grupos alinharam: Operário—Délio; Rogério e Gilice; Cesar, Serafim e Bernardo; Gonçalves, Henriques, Antero, Aníbal e Canal.

Casa Pia—Cardoso; Octávio e Vasco da Gama; Medeiros, João e Pais; Eusébio, Dias, Prates, Coutinho e Rocha.

Arbitro o sr. António Santos e os pontos do vencedor foram marcados por Animal e Antero.

### Vitória ampla do Futebol Benfica

O Futebol Benfica e o Sacavenense jogaram em «Francisco Lázaro». Os actuais segundos

classificados ganharam o deslize por 6-0, margem folgada que dispensa referências especiais.

Na primeira parte, no entanto, o Futebol Benfica conseguiu apenas marcar uma vez, folhando os visitantes uma grande penalidade. Se não fora isso, talvez os donos do terreno tivessem experimentado dificuldades. Ou marcado menos bolas.

Os 5 pontos do segundo tempo, apareceram tardiamente, sendo o 2.º de grande penalidade, por Diogo Jorge, Concelo e Inácio (3) foram os autores dos restantes pontos do grupo vencedor.

Arbitro António Leal e as equipas apresentaram-se assim formadas:

Futebol Benfica—Souza; Edmundo (ex-Elvas) e Diogo; Brito, Henriques e Nogueira; Concelo, Estevão, (Ex-Desportivo da C. P., Jorge e Graça.

Sacavenense—Agostinho; Octávio e Martins; Domingos,

Gaimarães e Alvaro Gomes; Neves, Lourenço, Cardoso, Freitas e Gaimarães.

### Mesmo desfalcado, o Olivais não perdeu

No seu próprio campo, cedeu o Arroios um empate. Este empate, atendendo à classificação, pode ser precioso para o Olivais, principalmente se conseguirmos, no seu campo de «Álvaro Gaspar», vencer o Futebol Benfica, domingo próximo. E se, em Sacavenense, não ganhar o seu rival e vizinho...

A partida de ontem deu mais uma explosão:— a de Oliveira, dos visitantes. Também saiu F. Paiva, lesionado. Há 3 jogos, segundo julgamos, que incidentes desta natureza se registem nos jogos em que toma parte o grupo encarnado, sinal de pouca sorte ou de nervos que convém eliminar.

Os olivalenses perderam, mesmo assim, algumas oportunidades, e o resultado que obtiveram pode considerar-se interessante. E merecido pela sua aplicação ao jogo. Ao Desportivo de Arroios falta atacar realizador. Domingo jogará contra o Casa Pia.

Os grupos alinharam: Arroios—Cardoso; Pinho e Renato Espírito Santo; Leitão, Ernesto e Dário; Albino Rocha, Ferramenta, Adélino Franco, José Cruz e Olegário.

S. L. Olivais—Jaime Paiva; Correia e Pinto; Ferrel, Alvaro e Frattoso; Leonel, Oliveira, Agostinho, F. Paiva e C. Paiva.

Arbitro—Miguel Godinho.

## BASQUETEBOL

# A nova época

Finalmente: foi resolvida a crise federativa. A comissão nomeada pelo sr. Director Geral dos Desportos já principiou com os seus trabalhos e manter-se-á à frente do organismo máximo enquanto não forem sancionados, superiormente, os restantes elementos eleitos em Congresso.

Nesta altura da época, quando aparecem, na Federação, centenas e centenas de inscrições, o trabalho é absorvente e há necessidade de um maior número de pessoas, para resolverem todos os casos que surgem. No entanto, e como a referida sanção não deve tardar, confiamos no espírito de sacrifício dos comissionários, na certeza de que farão tudo para corresponder à confiança que neles foi depositada.

—A equipa do Benfica deve partir para França, no próximo dia 24. Os campeões de Portugal farão uma série de cinco jogos, em Pau, devendo regressar, antes de 10 de Novembro, a tempo, portanto, de tomarem parte nos jogos do campeonato regional. Os «encarnados» estão sendo submetidos a um cuidadoso regime de treino, visto que a forçada inactividade do defeso, os afasta da magnífica «forma» demonstrada durante a época finda.

Não conhecemos o valor do basquetebol do sul da França, pelo que não podemos estabelecer planos de comparação. Porém, julgamos que o desporto português terá dignos representantes, nos rapazes do Benfica que, vencidos ou vencedores, saberão defender o bom nome da sua terra e do seu clube.

—Neste começo da época, não queremos deixar de recordar a situação especial em que se encontram os dois principais clubes portugueses, em basquetebol—o Vasco do Gama e o F. C. do Porto.

Ambos castigados, por motivos que não vamos, agora, lembrar, a modalidade não poderá contar com eles tão cedo, a não ser, claro, que surja qualquer plataforma que desanuvie um pouco o ambiente.

Porque—e isso é que nos interessa fazer—se os dois clubes citados não comparecerem às provas oficiais, a modalidade sofrerá bastante, pois lhe faltará o principal atractivo dos últimos anos—o despique entre as melhores equipas de Lisboa e do Porto.

Depois do apreciável progresso que se atingiu, seria desagradável retroceder...

—Ao que nos consta, ainda não foi resolvido o problema da substituição do campo da Boavista. O

## ECOS...

*Diz-se nos círculos afectos a um dos «rês grandes» que já há cifras astronómicas.*

*«Astronómicas para um meio «onde não há profissionalismo», claro!—a tentarem solucionar a «questão de posse» dum «esperançoso elemento». Ouvimos citar qualquer coisa como 75 contos!!!*

*«Há quem afirme que o meio futebolístico será, dentro de dias, alarmado com a inesperada solução que vai ter a projectada «viagem» dum «player» até ao «seio da família», que anseia pelo seu regresso...»*

*«Dizem que Rogério Conreiras, o habilidoso guarda-meta do Benfica, não gostou da afirmação feita por um nosso colega, de que as suas qualidades só agora, porque alinha num dos «grandes», despertaram a atenção dos elementos seleccionadores. Nessa afirmação contrapõe ele a de que já anteriormente merecera a honra de ser convocado para um treino, quando alinhava no Vianense só não comparecendo por ao seu clube de então não agrada—com o natural receio de repetição dum rapto de que em tempos foi vítima—a viagem a Lisboa do seu guarda-meta.»*

*«Continua a lançar o descontentamento entre a massa associativa do S. L. Benfica pela demora na resolução, por parte de quem o pode fazer, do mais grave problema, de momento, daquele clube: as suas instalações atléticas. O último encontro disputado com o Sporting para o torneio regional, que obrigou à afecção do tecto «lotação esgotada», dá plena razão aos anseios legítimos da massa benfiquista.»*

*«O popular clube das «águias» está vivendo, neste momento, uma das suas horas de maior alegria. São nada menos de cerca de 180 os atletas que vão ser homenageados pela larga contribuição dada à colectividade, para a obtenção dos inúmeros títulos de campeões da época de 1946/47, culminados com a jornada da última quinta-feira, ao Estádio Mayer, em que arrecadaram o título, de ôqui patinado, em juniores.»*

tempo vai passando, dentro de algumas semanas teremos o campeonato de Lisboa e se, nessa altura, nada houver de positivo, terá de recorrer-se a qualquer solução de emergência, que não satisfará, certamente, os interesses e as necessidades do basquetebol. Esperemos, contudo, que isso não aconteça.

Monteiro Poças

**Stadium**

Desde o n.º 1, 2.ª Série, cada exemplar, 2\$50

**Stadium**





O final da temporada tauromáquica em Portugal foi tristemente assinalado pela morte do valente e bondoso matador de touros mexicano José Gonzalez «Carnicerito do México». Era tão bom companheiro o simpático Pepe que quando Pepin Martin Vazquez veio pela primeira vez a Portugal quiz ir esperá-lo à estação do Rossio. Fizemos a apresentação e demos a direita a «Carnicerito de México» no grupo que aparece na fotografia, com Pepin e os seus bandarilheiros «Bonis» e «Rubichi», o empresário Carlos Gomez de Velasco e o «aficionado» Júlio Saraiva

**A** CABARAM as corridas da Feira de Vila Franca que este ano tiveram um cartaz menos interessante no que se refere aos «diestros» espanhóis. O filho de Belmonte pode considerar-se já como retirado, e Pepe Dominguin não é precisamente seu irmão Luis Miguel. Como novilheiro bem está Pablito Lalandá que serviu para a competição com Manuel dos Santos, que afirmou as suas possibilidades, especialmente com a capa. A última novilhada foi, e muito bem, para apresentação dos jovens novilheiros Etelvino Laureano, da Azambuja, Joaquim Marques, de Coruche, e Diamantino Tomás, de Vila Franca, acerca dos quais não temos ainda opinião formada posto que o primeiro nos tivesse agradado quando em Abril, o vimos na «Pafoletta».

Opinião formada temos, sim, acerca dos inconvenientes que para Simão da Veiga resultaram do facto de ter toureado a pé ao lado de Conchita Cintron. Achamos muito bem que em Espanha o fizesse ao lado de Alvaro Domecq para provar que onde chega um espanhol pode chegar um português, mesmo matando a pé. E bem achamos que em Portugal toureasse a cavalo ao lado de Conchita, porque, sempre que o seu touro fosse de mais respeito, seria o mesmo cavaleiro «sans peur et sans reproche». Mas, Conchita, a pé, é um caso sério, um autêntico fenómeno, ao lado de qualquer «diestro», com o bezerro, o novilho e até com o tourête. Simão, como outros cavaleiros portugueses, está habituado a lidar, a pé nos «tentaderos», e fê-lo até muito bem em festivais. Em corridas sérias, não cabem «graças», que mais graça terá sempre a gentil Conchita. Esperamos que não reincida na «graça» o valente cavaleiro cujas audácias temos sempre

## De Vila Franca a Santarem

acerte e que chegou ao final desta temporada numa posição triunfante que lhe permitiu até manter-se na altura em que João Nuncio, já com um bom cavalo, volta a afirmar as suas primorosas condições de equitador e toureiro.

Dos touros que se lidaram em Vila Franca merecem especial referência um do sr. dr. António Silva, o progressivo creador de Coruche, e os do sr. António Durão que começa, finalmente, a marcar nos touros, como já marcava nos cavalos, e também os dos irmãos Palha, e menos os do sr. Pinto Barreiros que nos dizem ter sido pequenos, e até mansos, o que é de estranhar em ganadaria de tão bom sangue, tão boa casta.

Enfim, preparemo-nos agora para os comentários acerca das corridas da Feira de Santarém, que começaram no domingo, 12, com João Nuncio e José Rosa Rodrigues, alternando o matador de touros Manuel Navarro com o novilheiro Manuel dos Santos, facto lisonjeiro para o português já que aquele «diestro» tem alternativa confirmada em Madrid, e com corte de orelhas e saída em ombros. Credite-se a vinda de Manuel Navarro ao empresário Alfredo Ovelha, que já este ano trouxe a Santarém o famoso Paquito Muñoz e, o ano passado, o prodigioso Pepin Martin Vazquez.

Para segunda-feira, 13, estava anunciado um novo encontro Simão-Conchita, só a cavalo no que se refere ao primeiro, acreditamos para não acreditar que ele tenha reincidido. A pé, além de Conchita, Diamantino e Manuel dos Santos, que estes têm que aguentar o confronto, tal como os espanhóis quando venham a Portugal ao lado dela, que em Espanha estão livres disso por força da lei que proíbe às mulheres tourear a pé.

Há quem diga que esta lei é defendida pelos próprios toureiros, e explica-se. Os touros já saíram este ano com mais 80 quilos, mas eram tão pequenos os dos últimos anos que, numa novilhada que em Madrid vimos em 1946 — a de Coboleda para a apresentação de Luciano Coboleda — um pai levantou nos braços o filho de cinco anos e pediu à presidência para deixar o criolo ir tourear aquele novilho que tinha metade da idade dele. E um toureiro nosso amigo, sem papas na língua, comentou que, com tais touros, apareceria qualquer dia uma «señorita» que provaria nada valer o que fazem os homens. A «señorita» já apareceu, chama-se Conchita Cintron. O que salva os toureiros da vergonha é a lei e o facto dos touros estarem a sair maiores, com mais peso e idade. Se não, a «señorita» provaria nada valer o que fazem os homeas. E muito bem!

ROGÉRIO PEREZ

A qualidade superior; a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança; e a protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

SÃO AS TRÊS GARANTIAS  
QUE FAZEM DA LUBRIFICAÇÃO

# Sonap

a lubrificação que se impõe!

Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina  
Petróleo  
Gazoil  
Lubrificantes

Massas consistentes  
Vazelinas  
Parafinas  
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80  
LISBOA

Rua de Santo António 45,  
PORTO

Rua da Sofia  
COIMBRA



# Comentários

## Projectos anulados

Causa sempre desagradável impressão na opinião pública que se anulem à última hora competições de carácter internacional, anunciadas como definitivas e para data fixa.

Estão neste caso alguns encontros, é dispensável dizer quais, cujos pretextos anulatórios vieram dos organismos dirigentes que deviam ser nossos visitantes. A sua repetição periódica pode até tomar aspectos v-xalórios para a nossa interpretação; mas quando a escusa parte do lado português, a impressão de desagrado complica-se pela ideia que no país visado se possa fazer a tal respeito.

Vem estas considerações a propósito da anulação do encontro Lisboa-Paris em voleibol, que parece coisa assente, quando a imprensa francesa anuncia já a composição da equipa e os preparativos de ultimação para a almejada viagem.

Desconhecem-se as causas desta lamentável decisão, por certo poderosas e inesperadas; mas a Federação deveria, antes de se pronunciar em definitivo, esgolar todos os meios ao seu alcance para a evitar.

Portugal goza hoje de grande prestígio nos meios desportivos estrangeiros; reflexo aliás do seu prestígio como nação em quaisquer campos sociais. Não devemos portanto, assumir compromissos sem a prévia certeza de os poder cumprir ou, uma vez assumidos, respeitá-los mesmo à custa de sacrifícios.

Para o voleibol, jogo em que possuímos boa classe e que alcançou no país enorme desenvolvimento, o precalço é sensível. Trata-se de recomençar a luta para reconquistar uma posição que fôra, logo de início e mercê de circunstâncias favoráveis difícil de reunir de novo, plenamente alcançada.

## Para o progresso do ténis português

O ténis é, sem dúvida, uma das modalidades desportivas que, entre nós, desenvolve maior actividade internacional. As vistas de jogadores estrangeiros são consecutivas e, quer no Estoril, quer em Cascais, na Curia ou na Figueira da Foz, os tenistas portugueses defrontam adversários de boa categoria que lhes trazem o ensinamento da sua maior experiência e a possibilidade de verificarem a marcha evolutiva do seu próprio valor.

Sabido que este confronto regular com praticantes de averiguada classe internacional é o meio mais preconizado para estimular o aperfeiçoamento técnico e o aderimento geral dos desportistas em qualquer modalidade, pode surpreender que, apesar do frequente o referido

contacto com estrangeiros, os tenistas portugueses não consigam aproximar-se da sua categoria e continuem sendo regularmente eliminados em todos os torneios de que participam.

Há, neste caso, uma evidente razão fundamental que é necessário combater: talvez a falta de preparação ginástica e atlética para um jogo que requer hoje grandes faculdades físicas de resistência, força e agilidade; talvez uma técnica deficiente ainda para o integral aproveitamento das suas faculdades.

De uma ou outra maneira, existe um mal a remediar e que está demonstrado ser incurável pelo sistema até agora posto em prática. Os tenistas nacionais muito lucrariam com a assistência permanente dum professor competente e, por isso, se espera com ansiedade a confirmação dos boatos de fixação de residência em Portugal de certo jogador estrangeiro cujo nome possui das mais brilhantes auras de fama mundial.



1 Mer.	Vérens
2 Jeu.	Juste
3 Ven.	Munuel
4 Sam.	Rosalie
5 Dim.	Il Lau
6 Lun.	Magn
7 Mar.	Grolten
8 Mer.	Nativio
9 Jeu.	Gorgon
10 Ven.	Nicolae
11 Sam.	Felxel
12 Dim.	12 Tal
13 Lun.	Alme
14 Mar.	Ex si
15 Mer.	Argul
16 Jeu.	Cord
17 Ven.	Lam
18 Sam.	Perve
19 Dim.	13 Jan
20 Lun.	Eustach
21 Mar.	Matth
22 Mer.	Mun
23 Jeu.	Li
24 Ven.	
25 Sam.	



# Breitling

APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

## As melhores marcas nacionais

Como é nosso hábito no final de cada época, começamos a oferecer hoje aos nossos leitores adeptos do atletismo, as listas dos dez melhores resultados portugueses nas provas da tabela finlandesa.

### Corrida de 60 metros:

6,9 s.: Mira Barroso (Casa Pia), 24-4-39; Domingos Gregório (Casa Pia), 18-5-40; S-bastião Camões (Sporting), 24-6-44.  
7 s.: Guerreiro Nuno (Int.), José Júlio Duarte (Anad'a), Mário Ferreira (Int.), António Almeida (Ateneu), Délio Ferreira (Belen.), Francisco Tomé (Casa Pia) Fernando Figueira (B-len.), J. Abrunhosa, F. Ferreira, F. Nazare, Trigo Pereira (todos do Benf'co); F. Lourenço, M. Nuncio, J. Machado e Myre Dorez (todos do Sporting).

Corrida de 100 metros:  
10,6 s.: Sarsfield Rodrigues (Sport Porto), 2-7-32; J. Prata de Lima (A.), 16-7-33; Tomaz Paquete (Benf.), 14-7-46.  
10,7 s.: Nuno Morais (Sp.), 20-7-47.

10,8 s.: Gentil dos Santos (Int.); Pedro Vasconcelos (Benf.); Lima Marques e Fernando Prata (A.); Mário Porto, J. Carvalho, Alves Pereira, M. Cunha Rosa, F. Lourenço e M. Nuncio (todos do Sporting).

Corrida de 200 metros:  
22,2 s.: Gentil dos Santos (Int.), 16-8-25, e Sampaio Peixoto (A.), 1-7-45.

22,4 s.: Pedro Vasconcelos (B n.), 10-8-40.

22,5 s.: F. Ferreira (Benf.); Eoaristo Silva e Fernando Lourenço (ambos do Sporting).

22,6 s.: Sarsfield Rodrigues e Mario Porto, ambos do Sport C. Porto.

22,6 s.: Nuno Morais (Sp.).  
22,8 s.: Karel Pott (Nun'Alvares); Manuel Nuncio (Sp.) e Eugenio Eleuterio (Benf.).



# NOTAS À MARGEM

## do Campeonato Mundial de Oquei

### VIII — Caminhada para o triunfo

As equipas nacionais de oquei em patins tomaram parte em oito campeonatos europeus e três do Mundo! Só ao cabo de tão longa jornada é que se teve a suprema consagração. E a Grã-Bretanha, triunfante sempre, perdeu pela primeira vez o seu duplo título! Esta circunstância, só por si, revela claramente o grande poder de assimilação e a indiscutível, reconhecida e comprovada categoria internacional dos oquistas lusitanos. Mas, para se atingir o cume, a tarefa não foi de modo nenhum fácil... Nem sequer facilitada!

Houve, na verdade, três períodos: o preparatório, sem sombra de dúvida honroso; o de afirmativa de valia inofismável; e, por fim, o de consagração. Aqueles três períodos podem situar-se: o inicial, de 1930 a 1932, em três anos consecutivos, através dos quais as equipas de Portugal obtiveram o último e um antepenúltimo lugar; o seguinte, a partir de 1936, de acentuada melhoria, pois que, até 1939, conquistaram-se três terceiras e uma quarta classificação; e, finalmente, o período de confirmação — que começou com a vinda da equipa de Itália até nós e culminou este ano ao alcançar-se Portugal à posição máxima do oquei patinado no Mundo.

E veja-se, por simples curiosidade, a progressão dos resultados: contra Alemanha — 0 5, 3 5, 2 3, 2 1, 3 1, 3 1 e 2 1 (três derrotas primeiro e quatro vitórias seguidas); contra Bélgica — 3 1, 2 1, 3 1, 2 0, 1 0, 2 3 (única derrota: em Antuérpia), 2 1, 12 2 e 7 2; contra Espanha — 2 1; contra França — 1 2, 1 7, 1 10, 3 0, 2 0, 5 0, 1 1, 7 2 e 7 1 (derrotas, apenas, nos três primeiros jogos); contra França (B) — 11 1; contra Inglaterra — 1 5, 0 4, 2 4, 0 6, 1 3, 0 3, 0 3 e... 3 0 (um triunfo sómente... mas o bastante para nos garantir os campeonatos do Mundo e da Europa!); contra Itália — 1 1, 2 3, 3 4, 1 3, 1 5, 4 4, 5 1 e 3 2 (um empate, a abrir, quatro derrotas seguidas, novo empate e duas vitórias a fechar); contra Itália (B) — 2 3; contra — 1 1, 0 4, 3 1, 2 0, 1 1, 2 1, 0 0, 6 1, 5 3 e 5 2 (apenas uma derrota e três empates).

### Condições de assinatura

#### Pagamento adiantado

Custo por número . . . . .	2\$50
3 meses, Esc. . . . .	32\$50
6 » » . . . . .	65\$00
12 » » . . . . .	130\$00

e particulares (tuas: ambas em Lisboa — contra Itália e Suíça, respectivamente, em 1939 e 1945. O quadro completo é o seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Golos
Alemanha . . . . .	7	4	—	3	15-17
Bélgica . . . . .	9	8	—	1	34-11
Espanha . . . . .	1	1	—	—	2-1
França . . . . .	9	5	1	3	28-23
França (B) . . . . .	1	1	—	—	11-1
Inglaterra . . . . .	8	1	—	7	7-28
Itália . . . . .	8	2	4	4	20-23
Itália (B) . . . . .	1	—	—	1	2-3
Suíça . . . . .	10	6	3	1	25-14
	54	28	6	20	144-121

Para as suas jornadas internacionais — com oito saídas para o estrangeiro: três vezes a Herne-Bay, na Grã-Bretanha, e outras tantas a Montreux, na Suíça; uma a Estugarda, na Alemanha, e outra a Antuérpia, na Bélgica — a F. P. Patinagem utilizou os serviços de vinte (20) jogadores — somente três suplentes nunca alinharam! — e de quatro seleccionados: Vítor Lemos — em 1930, 31, 36, 37 e 39; Gaudêncio Costa — em 1932; Jorge Evaristo — em 1938; e José Prazeres — em 1945, 46 e 47. Também foram árbitros internacionais: Américo Rombert (Itália-Alemanha, 6-1: em 8 de Abril de 1939); Vítor Lemos (Inglaterra-Itália, 4-1: em 10 de Abril de 1939); Martins Correia (Portugal-Itália, 4-4: em 31 de Agosto de 1939; Portugal-Suíça, 6-1: em 28 de Agosto de 1945; Itália-Suíça, 8-2: em 18 de Maio de 1947; e Itália-Inglaterra, 4 3: em 22 de Maio de 1947); João Melo (Itália Bélgica, 4-3: em 19 de Maio de 1947) e Ramos Silva (França-Suíça, 4-3: em 22 de Maio de 1947).

Vítor Lemos seleccionou para Herne-Bay (1930 e 37), Montreux (1931 e 39), Estugarda (1936) e Lisboa (1939); Gaudêncio Costa — para Herne-Bay (1932); Jorge Evaristo — para Antuérpia (1938); e José Prazeres — para Montreux (1946) e Lisboa (1945 e 47).

José Prazeres capitaneou em Herne-Bay (1930-37), Montreux (1931) e Estugarda (1936); Fernando Adrião — em Antuérpia (1938), Montreux e Lisboa (1939); e Olivério Serpa — em Lisboa (1945 e 47) e Montreux (1946). Martins Correia (4), João Melo (2) e Ramos Silva (1) dirigiram partidas internacionais somente em Lisboa: Américo Rombert e Vítor Lemos (1939) em Montreux.

Neste rápido enunciado incluem-se todas as partidas (54) disputadas pelas turmas lusitanas: oficiais (de campeonatos: 46), oficializadas (torneio de Montreux em Abril de 1946: que foram seis).

Tomaram parte nos encontros disputados pela equipa de Portugal — mencionando-se quantas vezes e contra que adversários — os jogadores seguintes:

	Alemanha	Bélgica	Espanha	França	França (B)	Inglaterra	Itália	Itália (B)	Suíça	Total
Fernando Adrião (8) . . . . .	7	7	—	7	—	7	6	—	7	41
Olivério Serpa (3) . . . . .	4	6	1	6	1	5	7	1	7	38
Leonel Costa (1) . . . . .	6	6	—	6	—	6	5	—	6	35
Sidónio Serpa (3) . . . . .	3	5	1	5	1	4	6	1	6	32
Alvaro Lopes (9) . . . . .	2	4	1	4	1	3	5	1	4	25
António Adão (1) . . . . .	5	4	—	4	—	5	2	—	5	25
José Prazeres (1) . . . . .	4	4	—	4	—	4	3	—	4	23
Germano Magalhães (1) . . . . .	3	4	—	4	—	4	2	—	4	21
Alberto Mendes (2) . . . . .	2	2	—	2	—	2	3	—	2	13
Cipriano Santos (6) . . . . .	—	2	1	2	1	2	1	3	13	13
Jesus Correia (4) . . . . .	—	3	1	2	1	2	1	3	13	13
Jorge Evaristo (5) . . . . .	—	2	3	—	—	1	2	—	2	13
Correia dos Santos (4) . . . . .	—	2	1	2	1	1	2	1	3	13
António Bernardino (3) . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1
José Carreira (1) . . . . .	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Luís Aquino (2) . . . . .	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1
Manuel Soares (7) . . . . .	—	—	—	—	—	—	2	—	1	1
	39	51	6	51	6	45	47	6	58	309

(1) — Em representação do Benfica; (2) — Sporting; (3) — Futebol Benfica; (4) — Paço de Arcos; (5) — Oquei C. P.; (6) — Oquei de Sintra; (7) — Infante de Sagres (Porto); (8) — Por Benfica e Futebol Benfica; (9) — Sporting e Académica da Amadora.

Suplentes (sem terem alinhado) foram: José Carlos, do Benfica, em 1930; Dias de Sousa, do Oquei C. P., em 1932; e Emídio Pinto, do Paço de Arcos, em 1947; Os dois primeiros indo a Herne-Bay, na Inglaterra, e o último em Lisboa.

Eis, por conseguinte, a «história», tanto quanto possível completa, da carreira dos oquistas lusitanos no campo internacional; dos praticantes, e, também, dos seus mentores... Justo é salientar-se, agora, na altura em que se festeja um triunfo retumbante — que oxalá possa ter repetição em 1948 — a acção valiosíssima dos pioneiros: de Vítor Lemos — como primeiro seleccionador e dirigente muito querido; de Américo Rombert — árbitro e acom-

panhante de equipas ao estrangeiro; de Gaudêncio Costa — por igual seleccionador e companheiro dos estreantes a Herne-Bay em 1930; e, especialmente, dos jogadores do Benfica que há 17 anos tiveram a seu cuidado a primeira representação oquistica internacional do País — António Câmara Adão, Fernando Pinto Adrião, Germano Abílio Torre Frazão de Magalhães, José Carlos de Sousa, José Prazeres e Leonel José da Costa.

De todos estes pioneiros, só um, o «velho» Germano, ainda se conserva em actividade — mas vai fazer muito breve a sua festa de despedida... Prazeres é hábil dirigente; Adrião vive actualmente em Lourenço Marques; Leonel arbitra, treina, mas já não joga; Adão é espectador eventual e cronista ainda mais eventual; e José Carlos desempenha as funções de auxiliar de Prazeres, e, ao que parece, estaria indigitado para futuro seleccionador nacional.

Para terminar — antes do registo de marcadores de golos: 10 jogadores para 144 tentos! — anote-se que simplesmente três «internacionais» (os irmãos Serpas e Alvaro Lopes) defrontaram todos os países: por coincidência curiosa nem Olivério nem Sidónio marcaram golos; contra a Inglaterra! Jesus Correia, nesse particular, foi mais feliz... Apenas não fez pontos contra a Alemanha — cuja equipa é a única que não enfrentou!

Segue a lista de autores de golos — que é:

	Alemanha	Bélgica	Espanha	França	França (B)	Inglaterra	Itália	Itália (B)	Suíça	Total
Olivério Serpa . . . . .	2	9	—	8	8	—	7	—	4	38
Jesus Correia . . . . .	—	5	1	5	1	1	2	1	7	23
Leonel Costa . . . . .	6	6	—	5	—	2	2	—	2	23
Correia dos Santos . . . . .	—	6	—	4	1	2	4	1	4	22
Sidónio Serpa . . . . .	1	4	1	2	1	—	3	—	4	16
José Prazeres . . . . .	3	—	—	1	—	—	2	—	—	7
António Adão . . . . .	1	3	—	1	—	1	—	—	1	7
Alberto Mendes . . . . .	—	1	—	—	—	—	—	—	—	3
Germano Magalhães . . . . .	—	1	—	—	—	1	—	—	—	3
José Carreira . . . . .	1	—	—	—	—	—	—	—	1	1
	15	34	2	28	11	7	20	2	25	144

Jorge Monteiro



## HOMENAGEM a FRANCISCO MEGA



Na assembleia geral de Janeiro último, «Medalha de Dedicção» do Belenenses, a mais alta distinção clubista, foi conferida por unanimidade ao associado e antigo presidente do clube, sr. Francisco Mega.

A obra de Francisco Mega dentro do Belenenses, como no desporto em geral, impondo-se em variados aspectos da Organização, merece na verdade ser consagrada, justificando-se deste modo, inteiramente, o banquete de homenagem promovido por um grupo de consócios amigos e admiradores no próximo dia 23.

Os dois grupos finalistas do campeonato de júniores de que em patins, o Benfica e o Campo de Ourique. Aquele venceu por 2-1, mas este soube perder e defender a sua chance até ao último golpe.

A história desta final é muito curiosa, pois os dois teams já haviam medido forças, concluindo-se por este juízo: — valores equilibrados.

O encontro constituiu magnífica demonstração de jogo, dizendo-nos que podemos abertamente confiar no futuro do queji português!



1 — O Casa Pia e Oário travaram uma rija e renhida, que minou pela vitória Operário, e assim cada em plano alto favorito. 2 — Os cl-turistas casapia ofereceram um ram flores ao capitão Operário, significando que a luta é só campo, e mesmo a local e aberta!

# Aspectos Desportivos



O grupo de concorrentes às provas «Mário Simas» e «Silva Marques», organizadas pela Federação na piscina do Algés



Outubro deu-nos, na jornada passada, um domingo de verão! O sol queimava, e os assistentes lançaram mão de chapéus de papel — bom negócio! — ou resguardaram-se de qualquer forma. E o calor aumentou singularmente na hora e meia de luta — com o calor da própria luta!



Disputaram-se recentemente em Canes importantes provas de tiro aos pombos, nas quais obteve belos triunfos o nosso compatriota, eng. José Corado. Ei-lo, ao receber a «Copa de la Diputación Provincial»

O imponente cenário do Tejo, manhã do passado domingo, um d'liminoso de Outono, assistiu a u belo espectáculo. Quatro remos co-tavam as águas audaciosamente. Eram eles empunhados por quat-graciosas raparigas. — Esperança M-tina Barreira, Maria Helena Fout-Maria Conceição Guimarães e Mar-Roque Figueiredo — que, adorand-sol e o mar e a vida ao ar livr-tripulavam um cyolle de s do Clu-Naval de Lisboa.

Vencendo o esforço de rema-num sorriso, as quatro remadoras t-naram-se o alvo da curiosidade.

— Porque escolheram o despo-do remo?

— Por uma simpatia especial p-este desporto. E' porque no Tejo-ar é mais puro e o sol mais cla-Mas praticamos o desporto do res-simplesmente como exercicio físic-ão para competição.

— Será o remo um desporto ac-selhável para a mulher?

Entre sorrisos, as quatro rapa-gas afirmaram que o desporto é pu-zer, saúde e alegria.



# Análise da temporada de 1947

## II — Não se progrediu este ano

A temporada que findou e não nos deixa elementos que permitam afirmar progresso; houve, possivelmente, uma súbita dos valores de segundo plano que deixa antever possibilidade de renovação ou reforço breve da falange de vanguarda.

As médias em pontuação finlandesa tomadas sobre os dez melhores resultados da época são, este ano, ligeiramente superiores às precedentes; a décima marca de 1947 é melhor do que a de 1946, nos 100, 200, 400, 1.000, 3.000 e 10.000 metros; 110 metros-barreiras; saltos em altura, comprimento e triplo; lançamentos do disco e martelo.

Se a média incidu apenas sobre cinco resultados, a melhoria já apenas se verifica nos saltos (729,8 p. este ano e 717,8 p. no ano transacto); é inferior em corridas (737,8 p. e 749,7), em lançamentos 600,6 p. e 605 p.) e na totalidade (703,6 p. e 708 p.).

Os recordes nacionais das categorias inferiores foram em grande parte renovados, a certificar a nossa indicação de súbita dos novos valores; mas os da categoria principal escassa renovação experimentaram, pois apenas incidu sobre o salto em comprimento e o triplo-salto — com excelentes marcas, é verdade — e as estafetas de 4 x 200 e 4 x 1.500 metros.

Se nos lembrarmos de que a época de 1945 foi aquela que ocupou o vértice da curva das médias gerais e simultaneamente recordarmos o grande número de organizações promovidas por um feliz enquadramento Sporting-Benfica, encontraremos fundamento para afirmar o que este ano nos faltou.

Após os Nacionais e até ao encontro com a Bélgica, os organismos dirigentes promoveram semanalmente sessões de provas, mas sem finalidade que estimulasse o interesse dos atletas que se dispensaram de comparecer.

Isto conduz a dizer que o programa nacional de atletismo precisa de ser remodelado, aumentando-o em volume e em extensão, nos dois sentidos: por um lado, promovendo a actividade dos seniores antes da data dos respectivos regionais (o Lisboa-Madrid precoce foi uma iniciativa inteligente, indispensável de manter); pelo outro, levando a sua acção além dos Nacionais, até meados de Outubro, enquanto as condições atmosféricas o permitirem.

A organização de concursos resultará, no entanto, ineficaz se não houver, por parte dos atletas, permanente espírito de colaboração. Concursos sem concorrentes, de nada servem.

O processo usado nesta temporada, com os torneios chamados de preparação, falhou em abso-

luto. Como já uma vez escrevemos, apareciam a preparar-se apenas aqueles que não precisavam de ser preparados.

A temporada durou cinco meses: de 4 de Maio a 5 de Outubro. Tempo suficiente, sendo bem aproveitado.

Os seniores foram chamados cedo a prestar provas, visto a selecção de Lisboa se ter deslocado a Madrid em 18 de Maio, mas interromperam depois toda a actividade de competição até 13 de Julho, data dos campeonatos regionais. De então até ao encontro com a Bélgica, em 7 de Setembro, todos os domingos foram aproveitados mas, em seguida, com a anulação do encontro com a Espa-

nha, cessou praticamente a época de pista, apesar de um mês depois se ter disputado o decatlo.

Encontramos, portanto, alguns ócios e bastantes inutilidades, bem intencionadas mas mal correspondidas.

A temporada de 1948 vai ser orientada pelo problema da selecção olímpica, sobre cujas possibilidades solucionatórias já este ano deu as indicações suficientes: um saltador em comprimento, outro de triplo a escolher entre dois candidatos; um corredor de velocidade e Matos Fernandes, no decatlo ou nos barreiras, como for julgado preferível.

A preparação destes homens deve ser intensificada e precoce;

Salazar Carreira

## NATAÇÃO

# O Algés e Dafundo conquistou

## as Taças "Mário Simas" e "Silva Marques"

O festival de homenagem aos nadadores Mário Simas e João da Silva Marques — instituído em 1941, pela F.P.N. — teve, domingo último, a sua sétima edição. A finalidade da homenagem vai esbatendo-se com os anos. E a reunião passou a ser coisa banal, igual a tantas outras, sem nada que lhe dê uma marca própria, sem nada que a individualize na série de torneios da temporada.

A jornada de domingo último que, por sinal não mereceu o favor do público, não atingiu nível técnico elevado. Pode resumir-se assim: Vitórias folgadas do Algés e Dafundo em ambos os trofeus; apreciável comparência de nadadores; «tempos» vulgares; boa animação nas provas reservadas aos nadadores mais jovens. Marca verdadeiramente anormal de Silva Marques na prova clássica de «bruços»: 3 m. 30,5 s.; comportamento meritório, dentro das suas possibilidades, claro está, dos representantes do Nacional de Nataçã e do Sportivo de Pedronços.

### A taça «Mário Simas»

Após a disputa das 10 provas integradas na taça «Mário Simas», a classificação ficou ordenada do modo seguinte: Algés, 52,5 pontos; Estoril-Praia, 32,5; Pedrouços, 15 e Nacional, 1.

Eduardo Barbeiro — o número um dos iniciados — averbou duas vitórias, bonitas e prometedoras: 33 metros-livres (19,2 s.) e 33 metros-costas (22,5 s.). O Algés esteve em evidência nesta categoria, com um bom lote de novos, de que sobressaem Fernando Madeira, Surgey e Eurico Perdigão,

Nas duas séries dos 66 metros-livres, principiantes, verificou-se o pormenor curioso, de ambos os vencedores — Jaime Moniz e Luis do Carmo — se creditarem do mesmo «tempo»: 44,2 s. José Borja e Almeida Figueiredo distinguiram-se.

A contrastar com as marcas prometedoras dos mais novos, os «tempos» nitidamente fracos dos juniores, tanto na prova de 100 metros-livres, como na de 100 metros-costas. Com efeito, que dizer dos resultados de Antunes Costa (1 m. 16,3 s.) e de Cristiano Luz (1 m. 35,3 s.)?

Mário Simas triunfou, à vontade, nas corridas da sua especialidade, tendo as provas, no entanto, decorrido com monotonia, nada acrescentando à glória do famoso campeão.

Nas estafetas notou-se a ausência de luta, condição indispensável para que resultem como espectáculo.

### O trofeu «Silva Marques»

Corridas as 5 provas do trofeu «Silva Marques» a pontuação ficou ordenada como segue: Algés, 26 pontos; Estoril-Praia, 21; Pedrouços, 10; Nacional, 5 e Desportivo da Cuf, 1.

Nos 33 metros-bruços, iniciados, verificou-se a nota agradável de haver necessidade de dividir os concorrentes em duas séries. A primeira agrupou os melhores valores, com Eduardo Candeias (24,8 s.) e Eurico Perdigão (25,8 s.) em evidência.

Os 66 metros-bruços, principiantes foram muito bem disputados, José de Almeida Figueiredo,

o plano da época adaptar-se-á às suas necessidades.

A Federação, como entidade responsável, precisa de encontrar meios de estimular o interesse dos atletas: prémios para aqueles que melhorarem recordes nacionais, medalhas aos que consigam nas provas antecedentes do campeonato, resultados com maior pontuação, etc.; e precisa, ainda, de ampliar e melhorar o seu plano de organizações, eliminando a classificação por pontos dos campeonatos individuais (porque é averigualmente contrária à especialização dos melhores valores) e criando, em contra-partida, o campeonato por clubes, com equipas formadas por dois homens em cada prova e contagem semelhante à dos «matches» internacionais. Tudo isto anunciado com larga antecedência, sem aspecto de improvisação.

Este ano não se progrediu mas fortaleceu-se a camada em germinação, melhor garantia de futuros progressos. Por isso, porém, é necessário assegurar os meios de o conseguir.

(56,9 s.) seu vencedor, mais uma vez demonstrou ser elemento de reais faculdades e possibilidades. A prova reuniu, porém, um bom conjunto de jovens «brucistas», nadadores de quem muito se pode esperar, e que bem necessários são, a uma especialidade que atravessa um período de crise.

São eles: Faria Bichinho (57 s.), Ricardo Sebastião (58,6 s.) e Joaquim Ramos Mendes (58,8 s.) que como os próprios «tempos» deixam transparecer, travaram animada luta. É que esta foi, de facto, uma das provas mais bem disputadas do programa.

Carlos Campanela, elemento de reais faculdades e bom estilista, mas dispersando-se por outras modalidades, com prejuízo evidente para a sua «forma» de nadador, foi o melhor nos 100 metros-bruços, mas o «tempo» é nitidamente fraco: 1 m. 34,5 s.

Como fracas foram as marcas dos seniores, na prova olímpica do bruços, Silva Marques deve ter compreendido que a hora da retirada chegou. E o extraordinário nadador deve lembrar-se que é sempre bonito sair em glória!...

A estafeta de 4x33x66x100x200 metros-bruços, por categorias, encerrou o programa. Vitória nítida do elenco da Costa do Sol.

Outubro vai magnífico para a prática da nataçã. Oxalá assim se mantenha até o fim, dado que a Federação marcou, e muito bem, para o dia 26, o tradicional festival de encerramento. É que há, realmente, que prolongar o mais possível a temporada de verão, porque a de inverno é luxo a que só raros podem chegar!...

Abreu Torres

Stadium



# CURIOSIDADES...

Entre Carlos Nunes, que tem desempenhado dedicadamente as funções de treinador do F. C. do Porto, e os srs. dr. Virgílio Paula e Jorge Vieira, deu-se uma interessante conversa após o jogo entre os campeões e o Boavista.

A certa altura, Carlos Nunes teria dito:

— Ao F. C. do Porto não interessa que sejam seleccionados os seus jogadores. Antes pelo contrário. Evitamos o trabalho de desfazer a rede de «convites» que fazem aos rapazes lá por Lisboa.

Parece que alguém embuchou com a resposta...

♦♦ Vai reunir-se em assembleia geral o F. C. do Porto. Motivo: as obras no Campo da Constituição, as coisas do futuro Estádio e o aumento de quota.

O F. C. do Porto não deseja mais de 7.500 sócios. Nem mais um, por enquanto! Já se movimentam aqueles que tinham ido para o Lima, mas a coisa torna-se difícil... Os interessados têm de ir para o «mercado negro!»

Feitas as «novas» contas, o F. C. do Porto ficará com uma quotização firme de 110 contos mensais.

♦♦ Com a compra, por parte da Câmara, do terreno da Vilarinha, pagará o F. C. do Porto o terreno das Antas. Este custa 1.600 contos. O F. C. do Porto já deu 200, recebe da Câmara 1.500 e ainda lhe sobram 100 contos.

♦♦ Garantem-nos que se as obras do Campo da Constituição não estiverem prontas quando principiar o Campeonato, o F. C. do Porto optará por dois caminhos: ou jogar no Campo dos Salgueiros ou trocar com o seu adversário as visitas.

Para o Lima, — não irá o F. C. do Porto.

♦♦ Surpreendeu no Porto a escolha de jogadores para o primeiro treino da Selecção Nacional. Como o problema dos treinadores. Muitos, ou quase todos, não protestaram. Desataram a rir...

♦♦ Condições em que o F. C. do Porto aceitou a proposta do Valência, para se deslocar: todas as despesas pagas (transportes e estadia); 200 pesetas diárias para cada jogador; e 50 contos em dinheiro português. O Valência disse «que sim...».

No último domingo disputou-se um jogo sem finalidade: — entre o F. C. do Porto e a Selecção dos restantes clubes. Os campeões, a certa altura, modificaram o seu grupo, já de si desfalcado de uma boa unidade, Barrigana; e a Selecção fez igualmente alterações, mas noutro sentido: — procurando melhorar o conjunto.

Foi notória, no F. C. do Porto, a saída de Araújo. O rapaz não se lesionou. Mas foi vítima de uma cerrada marcação, que passou certos limites, e o F. C. P. resolveu mandá-lo para o balneário. Era melhor assim. No entanto, Araújo, que o Conselho Seleccionador resolveu convidar para o grupo dos Suplentes (?), estava a jogar como «gente grande».

Repetimos: — o jogo não tinha finalidade. E certos jogadores, agora propositalmente colocados na linha dos que são correctos, não deixaram de fazer das suas. O árbitro, como Domingos Miranda há 8 dias, é que não castigou como devia...

## Alvaro Sequeira

nosso colaborador

Passa a colaborar activamente nesta página de Stadium o conhecido desportista portuense Alvaro José Sequeira. O nome deste nosso futuro camarada dispensa apresentações especiais. Antigo campeão Nacional de natação e waterpolo, campeão do Porto e de Portugal em futebol, árbitro do 1.º Portugal-Espanha em water-polo, realizado há anos, na capital, e tendo já desempenhado funções técnicas na A. F. P. e F. C. do Porto, Alvaro Sequeira é justamente considerado no meio desportivo nortenho.

Por isso o escolhemos para colaborar com a Stadium, nesta página, podendo afirmar-se, desde já que as informações da nossa revista continuarão a ser oportunas, como sempre tem sucedido.

Alvaro Sequeira é um desportista ponderado e por certo serão apreciabilíssimas muitas notícias suas para esta página.

# na capital do NORTE

## Mosaicos nortenhos...

### Processo contra Szabo

Também corre com insistência que o F. C. P. vai colocar no tribunal uma acção contra Szabo, seu ex-treinador. Os campeões portuenses queixam-se de um abandono pouco correcto, quando o contracto o obrigava até Junho de 1948.

Desmente-se por isso a afirmação de que o conhecido treinador tinha a promessa verbal de ser consentida a sua retirada quando arranjasse melhor. Na Direcção do F. C. P. não confirmam o boato, antes se afirma que o assunto vai ser posto oficialmente a quem de direito.

### Reaparece Correia Dias

Sabemos que o avançado-centro Correia Dias vai reaparecer no grupo de honra do F. C. P., desviando-se Vergílio, possivelmente, para extremo-esquerdo. De certeza, há isto: Correia Dias vai treinar, como prometeu, e receberá dinheiro. Que faça dele o que quiser — mas o seu clube deseja «exigir» ao antigo amador certas obrigações. Profissional à força...

### Os últimos desafios

O F. C. do Porto jogou contra a selecção do «resto» e perdeu por 6-5. A falta de Barrigana foi fatal. E o jogo foi duro, com culpa para jogadores rein-

cidentes. Todavia, apreciou-se alguma coisa: — até que ponto se insinuam alguns jogadores no espírito da crítica...

### Chama-se Eladio...

Só nos faltava dizer que o argentino solicitado pelo F. C. P. se chamava Eladio Vacheta e jogara futebol no River Plate, como interior-direito. Que tem 31 anos. Que é uma pessoa distinta. Que será treinador, se ficar, porque para jogador é muito caro...

Tinhamos dito tudo quanto interessava ao leitor, e até só nos faltava dizer que o esperado técnico chegava no rápido de Lisboa, depois de chegar horas antes, de avião, à capital do Império!

### Lourenço em Braga?

Sabe-se que Lourenço não tem jogado pelo F. C. do Porto. Interrogamos sobre o caso alguém do clube. Resposta: — Lourenço não joga porque não quer. Alguém nos informou que deseja ir jogar para Braga. Mas, oficialmente, coisa alguma sabemos.

Aguardamos que o jogador nos diga o que deseja, porque do contrário nada se resolverá. Precisamos dele e não pactuaremos com habilidades de qualquer natureza.

— E sobre Romão?  
— Continua a ser do F. C. do Porto. Também se espera que diga de sua justiça...

## Ténis de mesa e basquetebol

Já tratámos nestas páginas de assuntos que se prendem com o ténis de mesa e o basquetebol. O F. C. P. abandonou a primeira modalidade — e tudo se aprofundou. E agora está disposto a não praticar a segunda.

Alguém que priva de perto com o ténis de mesa e o basquetebol disse-nos que «o seu clube», vendo-se mal tratado por vários dirigentes de fibra clubista, e até por pessoas com obrigações mais distintas, tem resolvido estes problemas com abandono — até que o meio seja devidamente saneado. Fez-se assim com o andebol, e assim acontecera quando elementos com funções directivas não viam as coisas com imparcialidade e espírito de justiça.

Observamos: — mas, nesse caso, o F. C. P. coloca as modalidades em crise?

— Não! — colocamos apenas em dificuldade o mau dirigente. O F. C. P. não precisa deles para nada! E o nosso atleta continua fiel. O que fizeram a Portugal da Mala, é incompreensível; a

maneira como a Federação de Basquetebol nos castigou, sem culpa, também é incompreensível. Faremos basquetebol, como faremos ténis de mesa, se não nos hostilizarem. De contrário — nunca!

Ora, pelo que fica dito, o problema é melindroso, e se nem toda a razão pertence ao F. C. do Porto, também não é menos verdade que o critério de alguns dirigentes, por errado e abusivo, contribuiu para tal estado de espírito. Há colectividades que se esforçam, que trabalham com uma dedicação surpreendente. Se lhes aparecem pessoas dotadas de má fé, complicadas, tudo se vai por água abaixo, todo o bom ânimo se perde, e com isso apenas sofre o desporto e especialmente os que se consideram modestos.

Esperemos pelo bom senso de quantos intervir nestes casos. E vá lá mais um conselho: — escolham-se dirigentes que possam cumprir com as suas obrigações sem falsas ideias ou propósitos de agredir as boas actividades.



Fotos JORGE GARCIA



Sidónio passa a bola a Albano, num bom estilo, e este prosseguirá em marcha vertiginosa...

# Um ataque de Leão...

Dois jogadores disputam a bola com a dureza característica do jogo



Vasques, que se vem afirmando um extraordinário e científico jogador, numa figura de jogo de cabeça!



1

## EM BRAGA



Em cima — O guarda-redes Salvador protegido pelos seus companheiros defende. Em baixo — O presidente do Sporting de Braga entrega ao seu colega do Vitória de Guimarães uma salva de prata, em comemoração do 31.º aniversário do clube de Guimarães

## NO PORTO

1 — A selecção de futebol do Porto que bateu o campeão nortenho por 6-5. 2 — Virgillo em luta com João



2